

Perceções da Desigualdade de Género nos
Jovens
Ana Sofia Pires Neto

11/2022

Ana Sofia Pires Neto. Perceções da Desigualdade de Género dos jovens

Perceções da Desigualdade de Género nos Jovens

Ana Sofia Pires Neto

11/2022



Perceções da Desigualdade de Género dos Jovens

Ana Neto

Marisa R. Ferreira e Ana Borges

Agradecimentos

Começo por agradecer a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização da minha dissertação de mestrado. Família, amigos, professores, esta jornada longa e cheia de desafios, tornou-se mais leve com o vosso apoio!

A três meses do término do Projeto CLDS 4IN, de uma forma especial, agradecer a todos os elementos desta extraordinária equipa, da qual orgulhosamente faço parte. Obrigada, por todo o vosso companheirismo, amizade e compreensão, ao longo destes dois anos. Agradecer-vos, ainda, o envolvimento e apoio incansável, na dinamização das sessões e ações de sensibilização dirigidas à comunidade escolar, que permitiram o desenvolvimento desta dissertação.

Às minhas orientadoras, Professora Marisa Ferreira e Professora Ana Borges, o meu mais profundo e sincero obrigado!

Obrigada, pelas palavras de força, pela prontidão, disponibilidade, empatia, celeridade e orientação!

Resumo

A desigualdade de género representa ainda um tema atual e oportuno, face às assimetrias que ainda são encontradas entre homens e mulheres. Apesar dos vários estudos sobre esta problemática, poucos se dedicaram ao estudo das perceções sobre a desigualdade de género, particularmente, as dos jovens, cidadãos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Assim, neste trabalho tem-se como objetivo entender as perceções dos jovens sobre o tema e contribuir para melhores práticas assentes na promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre géneros, principalmente, em contexto escolar.

Este trabalho é composto por dois artigos científicos. No primeiro artigo, pretendeu-se aprofundar o conceito de desigualdade de género e de perceções, a fim de explorar o que une estes dois temas. A literatura serviu-nos de base à realização de um estudo quantitativo, que efetuamos em seguida, com objetivo de amplificar o nosso conhecimento sobre as perceções da desigualdade de género dos jovens nas Esferas Política, Empresarial e Privada (lar), bem como ao nível das Atividades (tarefas diárias). Tentou-se, ainda, compreender o papel da educação/formação na construção destas perceções.

Considerando a importância do conhecimento na desconstrução dos estereótipos sociais de género que se “atravessam” nos percursos escolares e profissionais dos jovens, o segundo estudo que desenvolvemos, teve como objetivos (i) compreender as diferentes formas de percecionar a desigualdade de género por parte dos jovens na Esfera Pública (Política e Empresarial) e nas Atividades (tarefas diárias); (ii) compreender como é que as perceções da desigualdade de género por parte dos jovens, variam de acordo com as suas características sociodemográficas; (iii) compreender a influência da educação/formação sobre igualdade de género na construção destas perceções. Para isso, numa primeira fase foi explorado o conceito de Educação e Género, bem como explicadas algumas práticas recorrentes em contexto escolar, que contribuem para a perpetuação da desigualdade. Em seguida, foram analisadas algumas diferenças importantes para este estudo, relativas às características dos jovens que frequentam o ensino profissional ou o ensino regular (geral). Por último, foi realizada a análise de classes latentes que nos permitiu agrupar os jovens com base nas suas respostas acerca do poder e estatuto dos homens e das mulheres na Esfera Política e Empresarial, bem como ao nível das Atividades (tarefas diárias). Desta análise resultaram quatro grupos de jovens que divergem nas suas perceções acerca da Esfera Pública, são eles: os Neutros, os Moderados, os Conscientes e os *Outsiders*. No que respeita às perceções acerca das Atividades (tarefas diárias), foi possível chegarmos a três grupos de jovens que diferem nas suas perceções, são eles: o Cinza, o Rosa e o Azul.

Palavras-chave: género, jovens, desigualdade de género, perceções, educação, estudo quantitativo, análise de classes latentes

Abstract

Given the asymmetries that are still found between men and women, gender inequality is still a current and timely issue. Few people have dedicated themselves to the study of perceptions of gender inequality, especially those of young people who are fundamental citizens for the development of society, despite the many studies on this matter. This way, the goal in this paper is to understand the young people's perceptions on the subject and to contribute to the best practices based on the promotion of equal rights and opportunities between genders, mainly in the school context.

This paper consists of two scientific articles. In the first article, the intention is to go deeper in the concept of gender inequality and perceptions, in order to explore what bonds these two themes. The literature used served as the foundation of the realisation for carrying out a quantitative study, which we then carried out with the objective of amplify our knowledge about youth perceptions of gender inequality in the Political, Business and Private (home) Spheres, as well as in terms of Activities (daily tasks). We also tried to understand the role of education/training in the build up of these perceptions.

Having in mind the importance of knowledge in the deconstruction of social gender stereotypes that "cross" in the school and professional paths of young people, in the second study our worked aimed to (i) understand the different ways of perceiving gender inequality of some young people in the Public Sphere (Political and Business) and in Activities (daily tasks); (ii) understand how youth perceptions of gender inequality may vary according to its sociodemographic characteristics; (iii) comprehend the influence of education/training about gender equality in the construction of these perceptions. The concept of Education and Gender was first explored in a first phase, as well as some recurrent practices in the school context, that contribute to the perpetuation of inequality, so we could accomplish this. Next there were some important differences analyzed for this study, concerning the characteristics of young people who attend vocational education or regular (general) education. The analysis of latent classes was carried out for last, and this allowed us to group up young people based on their answers about the power and status of men and women in the Sphere Policy and Business, as well as at the level of Activities (daily tasks). From this analysis four groups of young people were made who differ in their perceptions about the Public Sphere, they are: the Neutrals, the Moderates, the Conscious and the Outsiders. Regarding the perceptions about the Activities (daily tasks), it was possible to separate them into three groups who differ in their perceptions, they are: the Gray, the Pink and Blue.

Keywords: gender, youth, gender inequality, perceptions, education, quantitative study, latent class analysis

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Parte I.....	7
Introdução Geral.....	7
Estrutura	8
Objetivos de Investigação.....	9
Referências Bibliográficas.....	9
Anexos	10
Parte II	17
I. Artigo 1: Palavras e ações coexistem? Perceções dos adolescentes sobre a desigualdade de género	17
Resumo	17
Abstract.....	17
1. Introdução.....	18
2. Quadro Teórico.....	19
3. Metodologia.....	21
4. Resultados e Discussão.....	23
5. Discussão	28
6. Implicações teóricas e práticas	29
7. Conclusões.....	31
Referências Bibliográficas.....	32
II. Artigo 2: Educação e Adolescentes - Perceções da Desigualdade de Género.....	36
Resumo	36
Abstract.....	36
1. Introdução.....	37
2. Quadro Teórico.....	38
3. Metodologia.....	42
4. Resultados e Discussão.....	44
5. Discussão	48
6. Implicações teóricas e práticas	51
7. Conclusões.....	54
Referências Bibliográficas.....	55
Parte III	59
Conclusões Finais	59
Limitações e Investigações futuras.....	60

Parte I

Introdução Geral

A desigualdade de género define-se pela assimetria em termos de oportunidades e desempenhos nas diferentes Esferas da sociedade (saúde, educação, trabalho/emprego, vida familiar, entre outros) entre homens e mulheres, como consequência das relações sociais de género, que organizam e influenciam as suas vidas (Monteiro et al., 2015).

Os primeiros dois artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos referem que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” e todos têm direito “a invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação”. A igualdade de género é, então, acautelada por esta declaração, que a considera um direito fundamental das sociedades. Por sua vez, a Constituição da República Portuguesa reforça este direito (artigo 13º) e estabelece que uma das tarefas fundamentais do estado é “Promover a igualdade entre homens e mulheres”¹. A igualdade e o empoderamento das mulheres constituem, também, um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estando também integradas em todas as dimensões do desenvolvimento inclusivo e sustentável (Nações Unidas, 2017).

Ainda assim, apesar dos esforços legislativos e das mudanças que foram ocorrendo no contexto político, social e económico, os indicadores demonstram-nos que a desigualdade social entre géneros continua muito presente nas sociedades hodiernas. Assim, a educação para a cidadania e particularmente para as questões de género, adivinha-se como essencial para as sociedades modernas e democráticas, comprometidas com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Heras-Sevilla et al., 2021).

De referir que os cidadãos jovens têm vindo a assumir um papel crucial no futuro das sociedades democráticas, passando a ser considerados importantes contribuidores para o seu desenvolvimento.

Desta forma, optou-se por elaborar este trabalho em duas partes distintas: uma primeira parte, focada na identificação e compreensão das perceções dos jovens sobre a desigualdade de género, particularmente na Esfera Privada (casa), na Esfera Pública (Política e Empresarial), bem como em termos das Atividades (tarefas diárias), e no impacto da educação/conhecimento na modelagem destas perceções; e, numa segunda, onde através de uma análise de clusters, tentou-se agrupar as repostas dos jovens inquiridos, por forma a identificar padrões de perceções dos jovens sobre a desigualdade de género.

Este trabalho tem como base uma análise quantitativa, com origem na aplicação de inquéritos (em anexo). Foram recolhidas 302 repostas de jovens estudantes, o que nos permitiu responder aos objetivos que tínhamos delineado para cada um dos artigos, que de seguida iremos apresentar.

De uma forma geral, a primeira parte deste trabalho concluiu que os jovens têm uma perceção muito forte da desigualdade de género, principalmente as mulheres. Para as três Esferas em análise, as desigualdades eram mais evidentes na Esfera Política, seguidas da Esfera Empresarial e, em menor medida, na Esfera Privada (casa). Em termos das Atividades (tarefas diárias), as repostas indicam sobretudo uma perceção de igualdade de género por parte dos jovens. No entanto, a tendência para as mulheres serem as mais envolvidas nas tarefas domésticas persistiu. Ainda no seguimento deste primeiro artigo, foram realizadas correlações entre repostas o que nos permitiu retirar conclusões como: as mulheres jovens são quem está mais consciente das desigualdades de género; os jovens a frequentar o ensino regular são os que tendem a reconhecê-las mais e a

¹ Constituição da República Portuguesa disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/337/202009150300/128049/> acedido a 13 de maio de 2021

educação/formação sobre o tema - igualdade de género - tem influência na identificação de maiores disparidades entre homens e mulheres.

Na sequência das conclusões do primeiro artigo, na segunda parte deste trabalho quisemos expandir o conhecimento obtido sobre o impacto da educação nas perceções da desigualdade de género. Desta forma, recorrendo-se a uma análise de classes latentes, conseguimos registar quatro clusters de respostas diferentes, no que concerne às perceções sobre a desigualdade de género na Esfera Pública e três clusters referentes às Atividades (tarefas diárias).

Estrutura

A presente dissertação de mestrado está dividida em três partes. A primeira parte é constituída pela introdução, que apresenta o tema e suas principais questões de análise, objetivos e estrutura. A segunda subdivide-se em dois artigos científicos realizados. Já na terceira e última parte, são apresentadas as considerações finais, apontadas limitações dos estudos realizados, bem como sugestões para futuras investigações.

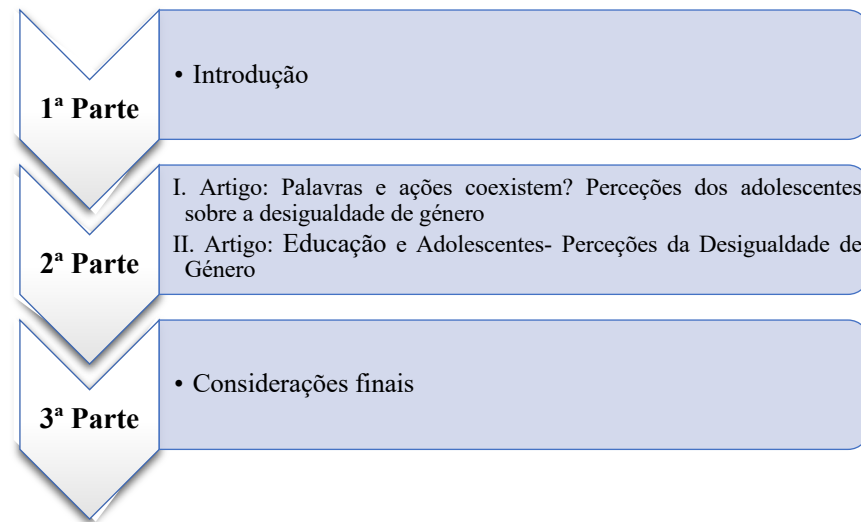


Tabela 1: Estrutura Síntese da Dissertação

Objetivos de Investigação

O objetivo geral desta investigação consiste em compreender as perceções da desigualdade de género por parte dos jovens.

Para isso foram definidos objetivos específicos: (1) identificar e explorar o conceito de desigualdade de género, por forma a melhor entender as assimetrias ainda prevaletentes na nossa sociedade; (2) clarificar o conceito de perceção; (3) compreender as perceções da desigualdade de género nas diferentes Esferas, que fazem parte da nossa sociedade, nomeadamente, na Esfera Pública, onde incluímos a Esfera Política e Empresarial e na Esfera Privada (lar); (4) compreender as perceções da desigualdade de género dos jovens ao nível das Atividades (tarefas diárias). Relativamente a este último tópico, o que se pretendeu perceber é como é que o tipo de atividades executadas pelos indivíduos pode variar em função do seu género; (5) compreender a importância do conhecimento, como motor para a mudança social relativamente às questões de género.

No sentido de responder aos objetivos eleitos foram realizados dois estudos. O primeiro estudo focou-se, numa abordagem inicial aos principais conteúdos que compõem o nosso tema (perceções, jovens, desigualdade de género e formação sobre igualdade de género), terminando com um estudo quantitativo, que nos apresentou de uma forma mais clara as perceções dos jovens sobre a temática. O segundo estudo incidiu mais na questão da importância da educação, permitindo, através da análise de classes latentes, agrupar os jovens de acordo com as suas perceções.

Referências Bibliográficas

Heras-Sevilla, D., Ortega-Sánchez, D., & Rubia-Avi, M. (2021). Coeducation and citizenship: A study on initial teacher training in sexual equality and diversity. *Sustainability (Switzerland)*, *13*(9), 1–16. <https://doi.org/10.3390/su13095233>

Monteiro, R., Agostinho, L., & Daniel, F. (2015). Um diagnóstico da desigualdade de género num município em Portugal: Estruturas e representações. *Revista de Administracao Pública*, *49*(2), 423–446. <https://doi.org/10.1590/0034-7612130497>



Inquérito **Perceções sobre a Igualdade de Género**

O Contrato Local de Desenvolvimento Social de 4ª Geração (CLDS 4G) trata-se de um projeto financiado pelo Fundo Social Europeu, criado e regulado pela Portaria 229/2018 de 14 de agosto, que visa promover a inclusão e combater a pobreza.

Em Santo Tirso, o projeto CLDS 4IN é composto por dois Eixos:

Eixo 1 - Emprego, formação e qualificação

Eixo 2 - Intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil

No âmbito do trabalho desenvolvido pela equipa no projeto em matéria de promoção da igualdade de género, pretende-se levar a cabo um estudo com o objetivo de compreender as Perceções da Igualdade de Género dos jovens. O questionário é totalmente anónimo e

confidencial, sendo que os dados recolhidos serão utilizados apenas para efeitos de investigação, no âmbito do Mestrado em Gestão das Organizações do Terceiro Setor na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico do Porto.

Não existem respostas certas ou erradas.

Qualquer dúvida que surja, pode entrar em contacto através do email: eixo2@4in.pt

* Obrigatório

Dados de Caracterização Sociodemográfica

1. Escola *

No espaço abaixo indique a escola em que estuda.

2. Idade *

Neste campo apenas pode ser introduzido um número inteiro.

3. Género *

Feminino

Masculino

NS/NR

4. Nacionalidade *

10

5. Estado Civil *

- Solteiro/a
- Casado/a ou união de facto
- NS/NR

Outro

6. Nível de Escolaridade *

- 9º ano
- Ensino Secundário
- NS/NR

Outro

7. Rendimentos do Agregado Familiar (mensalmente) *

- até 500€
- 501€ a 999€
- 1000€ a 1499€
- 1500€ a 1999€
- mais ou igual a 2000€
- NS/NR

8. Nos últimos dois anos, esteve presente em alguma atividade do projeto CLDS 4IN sobre a temática Igualdade de Género, nomeadamente, no mês de abril de 2021 na Escola Profissional Agrícola Conde de S. Bento; nos meses de novembro ou dezembro de 2021 na OFICINA - Escola Profissional do Instituto Nun'Alvres ou em janeiro na Escola Secundária Tomaz Pelayo. *

Sim

Não

Tendencialmente quem é que, mais vezes, é responsável de empresas, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem costuma ter mais estatuto na área empresarial, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem obtém maior respeito na área empresarial, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem é mais vezes homenageado na área empresarial, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem tem mais poder na tomada de decisão em casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem tem mais influência em casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem é que, mais vezes, é responsável pelas tarefas de casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem costuma ter mais estatuto em casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Tendencialmente quem obtém maior respeito em casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendencialmente quem é mais vezes homenageado em casa, homens ou mulheres?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Classifique cada uma das afirmações abaixo.

10. **Por favor, selecione a posição apropriada para cada elemento:**

	Mulheres bastante mais	Mulheres mais	Mulheres um pouco mais	Os dois igualmente	Homens um pouco mais	Homens mais	Homens bastante mais
Na maior parte das vezes quem cozinha?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem arruma a casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem trata das roupas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem faz as camas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem faz as compras no supermercado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Na maior parte das vezes quem trata das contas de casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem faz pequenas reparações em casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem pratica mais desporto?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem sai mais à noite?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem tem mais passatempos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem tem mais tempo livre?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem tem mais competências informáticas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na maior parte das vezes quem tem mais sensibilidade estética?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Obrigada pela tua colaboração!

Parte II

I. Artigo 1: Palavras e ações coexistem? Percepções dos adolescentes sobre a desigualdade de género

Resumo

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas são compromissos mundiais sobre diversos temas que pretendem mudar positivamente a forma como as sociedades encaram os desafios sociais e ambientais. Gradualmente, as organizações estão a reconhecer a proeminência e a capacidade dos ODS em diferentes níveis. Alcançar a igualdade de género e empoderar as mulheres faz parte dos ODS, embora, apesar das mudanças no contexto político, social e económico, as assimetrias de género continuem a ser uma realidade na nossa sociedade. Os cidadãos jovens têm vindo a assumir um papel crucial no futuro das sociedades democráticas, passando a ser considerados importantes contribuidores para o seu desenvolvimento. Este estudo, baseado numa abordagem quantitativa, visa compreender as percepções dos jovens relativamente à desigualdade de género, nomeadamente, na Esfera Privada (lar), na Esfera Pública (Política Empresarial), bem como ao nível das Atividades (tarefas diárias) e, compreender o impacto da educação/conhecimento na modelagem destas percepções.

Palavras-chave: percepção, desigualdade de género, jovens, educação

Abstract

The United Nations' Sustainable Development Goals (SDGs) are global commitments on a number of issues that aim to positively change the way societies view social and environmental challenges. Gradually, organizations are recognizing the prominence and capacity of the SDGs at different levels. Achieving gender equality and empowering women is part of the SDGs, although despite changes in the political, social and economic context, gender asymmetries remain a reality in our society. Young citizens have been assuming a crucial role in the future of democratic societies and are now considered important contributors to development. This study, based on a quantitative approach, aims to understand young people's perceptions of gender inequality, namely in the Private Sphere (home), in the Public Sphere (Policy and Business), as well as in Activities (daily tasks), and to understand the impact of education/knowledge in shaping these perceptions.

Keywords: perception, gender inequality, youth, and education

1. Introdução

Mulheres e meninas devem ter direitos e oportunidades iguais e poder viver livres de violência e da discriminação. A igualdade e o empoderamento das mulheres é um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, mas também é parte integrante de todas as dimensões do desenvolvimento inclusivo e sustentável (Nações Unidas, 2017). A desigualdade de género define-se pela assimetria em termos de oportunidades e desempenhos nas diferentes Esferas da sociedade (saúde, educação, trabalho/emprego, vida familiar, entre outros) entre homens e mulheres, como consequência das relações sociais de género, que organizam e influenciam as suas vidas (Monteiro et. al, 2015).

Apesar das mudanças no contexto político, social e económico, os indicadores demonstram-nos que a desigualdade social entre géneros é ainda proeminente na atualidade. No âmbito laboral, o vencimento médio das trabalhadoras portuguesas é, independentemente da sua profissão, inferior ao dos homens. Em certas profissões estas diferenças podem chegar aos 600 euros por mês, a favor do sexo masculino (Torres et al., 2018). A taxa de emprego da população jovem, em Portugal e na maior parte dos países europeus, em jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, é tenuemente superior nos homens (Torres et al., 2018). Em termos da distribuição de género por classe social, de acordo com os resultados do inquérito *European Working Conditions Survey* de 2015, existem mais homens na categoria de “empresários, dirigentes e profissionais liberais”, o que indica que as mulheres estão, ainda, afastadas de cargos de chefia e posições de poder (Eurofund, 2020; Mareque, de Prada, & Pino Juste, 2022). Os dados publicados pelo Eurostat (2021) revelam ainda que o assento político das mulheres em Portugal e na Europa continua a ser muito inferior ao dos homens. As disparidades são também visíveis na Esfera Privada, onde, no que concerne ao trabalho não pago (tarefas domésticas e prestações de cuidados) as mulheres despendem de mais 1 hora e 45 minutos do que os homens na execução destas tarefas (Perista et al., 2016). Nos jovens portugueses que vivem em casal, a responsabilidade pelas tarefas domésticas e o cuidado e educação dos filhos recai mais sobre as mulheres, apesar de que as relações mais democráticas tendem a evoluir num sentido positivo, principalmente em casais mais novos (Sagnier & Morell, 2021).

Os cidadãos jovens têm vindo a assumir um papel crucial no futuro das sociedades democráticas, passando a ser considerados importantes contribuidores para o seu desenvolvimento. Assim, assumindo a sua importância como agentes de mudança e considerando a necessidade de se continuar a trabalhar nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, este estudo tem como objetivos: i) compreender as perceções da desigualdade de género dos jovens ao nível Político, Empresarial e Privado (lar); (ii) compreender perceções da desigualdade de género dos jovens ao nível das Atividades (tarefas diárias), em função do género; (iii) compreender o papel da educação/formação na avaliação destas perceções.

2. Quadro Teórico

2.1 Desigualdade de Género

Dentro das teorias de género existentes, importa referir a teoria da socialização, que tem por base a teoria do interacionismo simbólico e a teoria do desenvolvimento cognitivo. Esta dedica-se ao estudo de como é que as crianças aprendem a autoidentificarem-se com um determinado género e aprendem os comportamentos expectáveis pela sociedade em função desse género. Desta forma, esta teoria refere que a aprendizagem do género acontece na interação, de onde decorre a aprendizagem de papéis sociais em função do género (Chafetz, 2006).

A teoria da aprendizagem social, preconizada por Bandura, defende que as crianças vão adquirindo papéis de género, à medida que vão aprendendo outros tipos de comportamento, através da observação de modelos, principalmente os do mesmo género, o que tipifica esta construção. A teoria do interacionismo simbólico, aparece na década de 30, por iniciativa de Herbert Blumer que, por sua vez, confere um papel mais ativo às crianças na construção do seu eu referindo que, através dos processos de interação, as diferenças de género são construídas. Esta teoria enfatiza, por um lado, as questões dinâmicas da interação e, por outro, a simbologia associada ao processo comunicacional (linguagem verbal e não verbal). Já a teoria do desenvolvimento cognitivo, proposta inicialmente por Kohlberg em 1966, enfatiza que as crianças fazem a sua própria tipificação de género. Por conseguinte, as crianças classificam o seu género e, depois, agem de acordo com essa tipificação. Assim, à medida que as crianças vão evoluindo cognitivamente, elas definem o seu papel sexual e a sua identidade de género. Por outras palavras, presume-se que as crianças e adolescentes agem de acordo com o que percebem da avaliação do seu comportamento, realizada pelos indivíduos com quem interagem. Neste sentido, podemos dizer que esta teoria, conforme a anterior, enfatiza um papel ativo da criança na construção da sua identidade de género, através da interação (Miranda, 2008). Assim, a desigualdade entre os sexos é reproduzida socialmente.

2.2 Perceções dos jovens sobre Desigualdade de Género

As perceções são atribuições de significado a estímulos, tendo por referência as experiências dos indivíduos. Desta forma, através da receção de um estímulo ou de uma exposição a uma situação, o indivíduo irá organizar e interpretar essa informação, em algo que lhe é importante, tendo por base as suas experiências passadas. Nem todos os estímulos são considerados pelos indivíduos, estes fazem uma seleção dos mesmos em função das suas crenças, atitudes, formas de agir e personalidade (Pickens, 2005). Relativamente às perceções sociais, estas referem-se à “forma como um indivíduo “vê” os outros e como os outros recebem um indivíduo” (Pickens, 2005, p.60). Uma das formas de criação de perceções é a estereotipagem, ou seja, quando atribuímos características a um indivíduo com base na nossa perceção do grupo a que pertencem.

Tendo por base o conceito de percepção enunciado, a nossa intenção neste estudo será compreender, até que ponto, os jovens estão conscientes da existência desta desigualdade e não a sua opinião sobre esta.

Amâncio (1992), tendo como ponto de partida 94 adjetivos conseguidos a partir de um primeiro estudo, solicitou a metade dos inquiridos que os classificassem em feminino ou masculino, tendo em conta instruções que apelavam explicitamente ao seu conhecimento sobre os estereótipos sexuais existentes na sociedade portuguesa e não considerando a sua opinião pessoal, isto é, pretendeu-se avaliar as percepções. À outra metade, foi pedido que classificassem estes adjetivos entre positivos e negativos, tendo em conta o mesmo princípio. Os resultados evidenciam a assimetria entre traços considerados tipicamente femininos (menos) e masculinos (mais), e que a relação entre os traços positivos e masculinos é mais desfavorável para o género feminino. Por outras palavras, os adjetivos considerados negativos, foram os mais associados ao género feminino (ex: Submissa -). Uma outra conclusão que importa salientar é a função social maternal associada às mulheres, uma vez que foi percebida uma associação a traços físicos e afetivos, que fazem referência ao papel da mulher na família, a traços de dependência e de submissão e a traços que dizem respeito às emoções e expressão dos sentimentos, que não reuniram consenso relativamente a esta avaliação. No caso dos homens, não foram verificadas associações a traços físicos, funções sociais ou dimensões avaliadas, significativamente, como negativas. Em suma, compreende-se que a percepção da desigualdade de género é evidente para os participantes neste estudo, estando estes conscientes dos estereótipos de género existentes (Amâncio, 1992).

Neff et al. (2007) tentaram igualmente compreender as percepções de poder e diferenças de estatuto da desigualdade género dos jovens, focando a Esfera Pública (Política e Empresarial) e Privada (Iar). O primeiro estudo conduzido pelos autores, descobriu que a percepção da desigualdade de género está bastante vinculada nos inquiridos, com destaque para os adolescentes. Os participantes, principalmente os adolescentes, percebem maior domínio masculino nas empresas e na política (Esfera Pública), ao invés de na Esfera Privada (Iar), onde não foram detetadas grandes diferenças de poder e estatuto. Os participantes admitiram ainda que a dominância masculina era mais forte na política, do que no mundo dos negócios. Este estudo encontrou, também, algumas diferenças de sexo nestas percepções, nomeadamente, nas participantes do sexo feminino, que se compreendeu considerarem maiores diferenças de poder entre as esferas analisadas. Este estudo permitiu, ainda, concluir que à medida que a idade aumenta, as percepções da desigualdade de género na Esfera Pública e Privada também aumentam, sugerindo-nos esta tendência que os jovens desenvolvem uma compreensão desta desigualdade com maior conhecimento e educação, que vão adquirindo ao longo da sua vida, através da sua socialização e desenvolvimento próprio.

A mesma conclusão relacionada com o facto de os estudantes mais jovens estarem menos conscientes das desigualdades de género no mundo profissional do que os mais velhos é levantada noutros estudos (Pandey et al., 2022; Sicard et al., 2021).

3. Metodologia

Os objetivos deste estudo passam por (i) compreender as perceções da desigualdade de género dos jovens ao nível Político, Empresarial e Privado (lar); (ii) compreender perceções da desigualdade de género dos jovens ao nível das Atividades (tarefas diárias), em função do género; (iii) compreender o papel da educação/formação na avaliação destas perceções.

Por forma a dar resposta aos objetivos do estudo, o método de recolha de dados eleito foi o inquérito. Este inquérito foi desenvolvido com base nos quadros teóricos já apresentados e divide-se em três grandes partes: na primeira parte, foram colocadas questões relativas à caracterização pessoal dos inquiridos, nomeadamente, sete questões de resposta fechada e ainda uma outra, onde é questionado aos jovens se já estiveram presentes ou não numa atividade sobre a temática “Igualdade de género”; na segunda parte, foi colocada uma escala de *Likert* de sete pontos, correspondendo cada item às seguintes opções: 1- “Homens bastante mais”; 2- “Homens mais”; 3- “Homens um pouco mais”; 4- “Os dois igualmente”; 5- “Mulheres um pouco mais”; 6- “Mulheres mais”; 7- “Mulheres bastante mais”, que pretendeu avaliar a perceção da desigualdade de género dos inquiridos na Esfera Pública (Esfera Política e Empresarial) e na Esfera Privada (lar); e na terceira parte, uma outra escala de *Likert* com as mesmas opções colocadas na escala utilizada na segunda parte, mas acerca das perceções das tendências de comportamentais nas Atividades (tarefas diárias), em função do género.

A primeira escala usada, tem por base o estudo Neff et al. (2007), através do qual se pretendeu compreender as perceções da desigualdade de género dos jovens, ao nível da Esfera Política, Empresarial e Privada (lar). A segunda escala, tem por referência o Projeto JOVIGUAL (2019) que, em contexto das ações e dinâmicas de grupos de jovens, com o objetivo de promover o debate e a reflexão, a desenvolveu. Mais concretamente, esta escala visa explorar estereótipos de género em atividades tradicionalmente "genderizadas", mas, também, em atividades mais neutras e de lazer. De acordo com os técnicos responsáveis pelo projeto, esta escala foi construída com base nos Guiões de Educação, Género e Cidadania, que podem ser consultados na página da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG, 2017).

De notar que, a Organização das Nações Unidas (ONU) define jovens como todos aqueles que se encontrem na faixa etária dos 15 aos 24 anos (ONU, 2020), no entanto, neste estudo, pretende-se recolher respostas dos alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, por razões de maior facilidade de acesso aos mesmos.

Relativamente ao objetivo III, de referir que este terá como base as formações levadas a cabo pelo projeto CLDS 4IN, nas escolas do município de Santo Tirso. O Contrato Local de Desenvolvimento Social de 4ª Geração (CLDS 4G) trata-se de um projeto financiado pelo Fundo Social Europeu, criado e regulado pela Portaria 229/2018 de 14 de agosto (Diário da República, 2018), que visa promover a inclusão e combater a pobreza. Em Santo Tirso o projeto denominado como CLDS 4IN, consórcio entre a Cruz Vermelha Portuguesa- delegação de Santo Tirso e a ASAS (Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso), intervém no território através do Eixo 1 - Emprego, formação e qualificação e do Eixo 2 - Intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil. Uma das temáticas trabalhadas em sessões

com crianças e jovens é a igualdade de género. Através de um conjunto de ações de sensibilização e informação sobre a temática, o projeto já esteve com mais de 300 alunos de três escolas diferentes do município, a realizar esta intervenção.

A intervenção no âmbito da igualdade de género, foi iniciada no ano de 2020 na Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento. Nesta escola, mais de 100 alunos do 10º e 11º anos refletiram, com as técnicas responsáveis pela execução do projeto, sobre as assimetrias de género existentes na sociedade. As sessões desenvolveram-se tendo por base uma dinâmica, que durou aproximadamente 1,5h com cada turma, em que os alunos eram expostos a afirmações referentes à desigualdade de género em Portugal e no mundo e tinham de identificar se essas afirmações eram verdadeiras (Facto) ou falsas (Mito), justificando a sua resposta. Em 2021, a intervenção prosseguiu em mais duas escolas do Município, nomeadamente, Escola Profissional do Instituto Nun'Alvares e Escola Secundária Tomas Pelayo. Desta vez, foi possível implementar um programa de cinco sessões (45 minutos cada) sobre a temática. A implementação deste programa teve como principal objetivo desenvolver as competências necessárias para que os participantes possam questionar e refletir sobre potenciais atitudes nefastas e desiguais que contribuem para situações em que estereótipos de género e até de violência baseada no género são reproduzidos, tolerados ou até aceites.

Neste programa de cinco sessões, através de uma metodologia lúdico-educativa foram trabalhados os conceitos de identidade de género, expressão de género e orientação sexual; crenças e os estereótipos de género nas atividades profissionais; as assimetrias de género nas escolhas vocacionais; a importância da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens e desenvolvida a temática da Violência no namoro. No final destas sessões foi solicitado pelas técnicas do projeto o preenchimento do inquérito apresentado neste estudo.

O inquérito foi criado na plataforma Microsoft Forms, a fim de facilitar o seu preenchimento e análise de dados. Foi, então, criado um link para aceder ao mesmo e enviado por correio eletrónico em janeiro de 2021 para os diretores das escolas, pedindo-lhes que o partilhassem com os estudantes, principalmente com aqueles que não frequentaram as sessões dinamizadas pelo Projeto CLDS 4IN sobre a temática. O inquérito é anónimo e confidencial.

Os resultados da sondagem foram analisados utilizando o software IBM SPSS V28. Foram utilizados os testes: qui-quadrado de independência entre variáveis de natureza ordinal ou nominal; e t de student de comparações de médias de amostras independentes, para testar associações entre itens, considerando um nível de significância de 5%.

Perceptions	Cronbach's Alpha Value	Internal consistency
Political Sphere	0,877	Almost Perfect
Business Sphere	0,925	Almost Perfect
Private Sphere	0,795	Substantial
Activities	0,624	Substantial

Tabela 2- Consistência Interna do Inquérito

No sentido de estimar a confiabilidade de consistência interna do inquérito calculou-se o coeficiente alfa de Cronbach para cada uma das dimensões em análise. Trata-se de uma forma de avaliar, através da correlação média entre itens, o quão bem a nossa pesquisa está realmente a medir o que queremos e quão intimamente relacionado um conjunto de itens é como um grupo. Tendo por base a tabela acima, todas as dimensões avaliadas apresentam uma consistência interna Substancial (acima de 0,61 até 0,80) ou acima desta (Esfera Política- 0,877-quase perfeito e Esfera Empresarial-0,925- quase perfeito) (Cronbach, 1951).

4. Resultados e Discussão

Foram recolhidas 302 respostas ao inquérito oriundas de quatro escolas diferentes do concelho de Santo Tirso. Temos uma amostra equilibrada: 58% são homens e 41% são mulheres. As idades variam entre os 14 e os 18 anos, sendo que a média das idades dos participantes é de aproximadamente 16 anos.

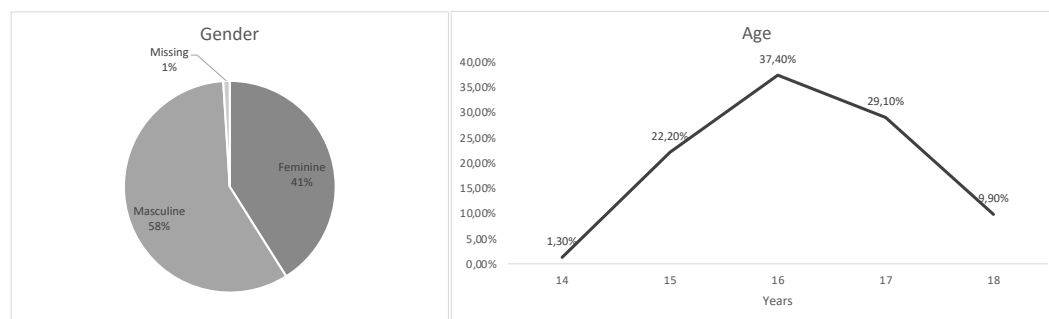


Figura 1- Género e idade dos participantes

A maioria dos participantes são solteiros (97%), de nacionalidade portuguesa, têm como habilitações literárias o 9º ano (97%) e estão a frequentar o ensino secundário, regular (33%) ou profissional (64%). 52% dos alunos que compõem a amostra estiveram presentes em formações do projeto CLDS4IN subordinadas à temática da igualdade de género.

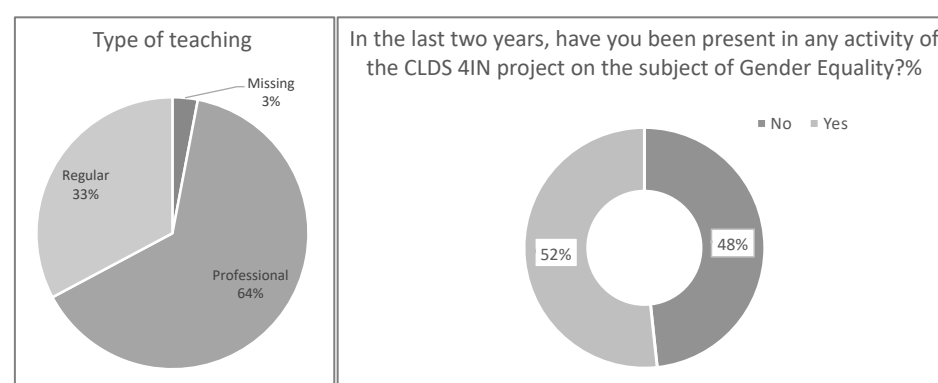


Figura 2- Tipo de ensino e formação em igualdade de género

4.1. Análise das Percepções

Para as diferentes questões, divididas em Esfera Política, Empresarial, Privada e Atividades (tarefas diárias), foram analisadas as médias de respostas. As distribuições médias das questões que constituem as percepções das Esferas Política, Empresarial e Privada podem ser observadas na Figura 4, e na Figura 5 para os itens que fazem parte das Atividades (tarefas diárias). As respostas às escalas foram classificadas de 1 a 7, sendo que a 1 corresponde a resposta “homens bastante mais”, 4 significa “os dois igualmente” e 7 “mulheres bastantes mais”.

Na Esfera Política, as médias das respostas variam entre 2,47 e 2,71, ou seja, a maioria das respostas concentra-se em “2-Homens mais” e “3-Homens um pouco mais”, verificando-se que os jovens percebem que os homens têm mais poder e estatuto nesta área. Na Esfera Empresarial, as respostas são semelhantes, variando a sua média entre 2,76 e 2,95, o que corresponde igualmente a “2-Homens mais” e “3-Homens um pouco mais”. As desigualdades são percecionadas de uma forma menos acentuada na Esfera Privada, onde as respostas são na sua maioria próximas de “4- os dois igualmente”.

Assim, compreendemos que a desigualdade entre homens e mulheres é mais percecionada pelos jovens na Esfera Privada (lar) e que, por outro lado, as desigualdades são mais evidentes nas restantes Esferas, em especial na Esfera Política.

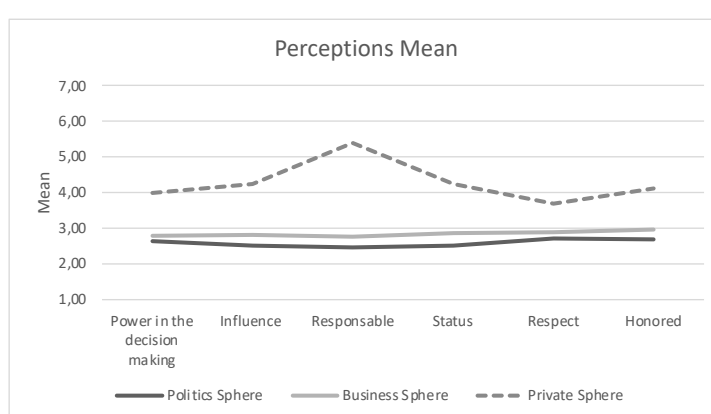


Figura 3- Média das Percepções na Esfera Política, Empresarial e Privada

Já no que concerne às respostas à escala que tem como principal objetivo compreender se existem atividades mais “genderizadas” do que outras, não foram encontradas notáveis diferenças, exceto em duas questões, nomeadamente, “tratar das roupas”, em que se verifica que os jovens percecionam esta atividade como mais realizada por mulheres, uma vez que a média das respostas corresponde a 5,88 (5-“Mulheres um pouco mais”; 6-“Mulheres mais”) e na pergunta referente às “pequenas reparações em casa”, em que a média das respostas corresponde a 2,56 (“2-Homens mais”; “3-Homens um pouco mais”). Ainda assim, as mulheres são mais percecionadas como aquelas que mais vezes cozinham, arrumam a casa, tratam da roupa, fazem as camas, as compras no supermercado e têm maior sensibilidade estética. Por outro lado, os homens foram identificados como os que mais tratam das contas da casa, fazem pequenas reparações em casa, praticam mais desporto, saem mais à noite, têm mais passatempos, tempo livre e competências informáticas. Desta

forma, pela análise da média das respostas dos jovens inquiridos, percebe-se que estes percecionam que certas atividades são mais realizadas pelos indivíduos em função do seu género, do que outras.

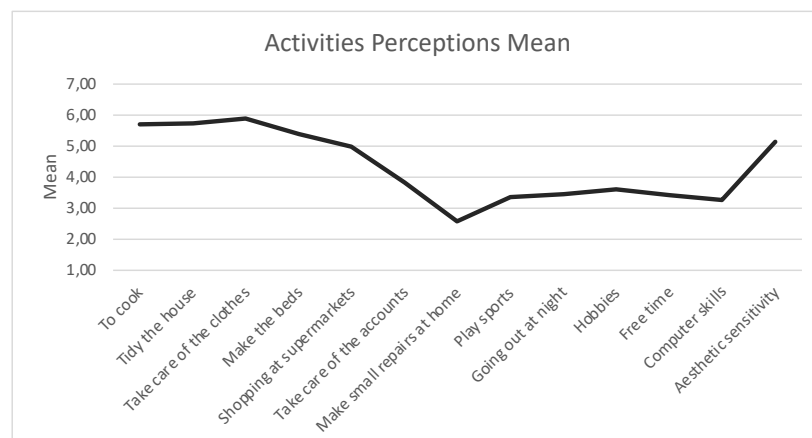


Figura 4- Média das Perceções na Esfera das Atividades

4.2. Associação de Variáveis

Uma correlação, é uma medida de associação, que mede a relação entre variáveis, sem qualquer implicação de causa e efeito entre ambas (Maroco, 2003). Neste estudo, foram testadas as correlações entre as Perceções da Desigualdade de Género nas três Esferas em análise (Política, Empresarial e Privada) e relativamente à escala “Atividades” com as variáveis: “Género;” Tipo de Ensino” e “Formação em Igualdade de Género” (isto é, se tinham frequentado uma formação do Projeto CLDS 4IN, subordinada à temática da Igualdade de Género).

Para isto, foram realizados os Testes do Qui-quadrado para as diferentes Esferas verificando-se que existe associação entre a maioria das perceções com a variável “Género” (22 associações); “Tipo de ensino” (21 associações) e “Formação em Igualdade de Género” (17 associações). Contudo, medindo a força da associação entre estas variáveis, compreendemos que as associações são moderadas (V de Cramer <0,5). Assim, compreende-se que estas três variáveis afetam, ainda que de forma moderada, as perceções (para mais detalhes ver Tabela A no Anexo 1).

4.3. Esfera Política, Empresarial e Privada

Como referido, a consistência interna da Esfera Política, Empresarial e Privada é elevada. Assim, uma vez que as perceções estão altamente correlacionadas, calculámos a perceção média para cada Esfera, para cada participante, nestes três grupos, a fim de termos uma compreensão mais ampla e global das perceções. Adicionalmente, comparámos, através de testes t independentes, a perceção média entre "Género", "Tipo de Educação" e "Formação em Igualdade de Género".

A Figura 5 apresenta a média para cada Esfera - Política, Empresarial e Privada -, para cada categoria variável e os valores p de teste t da comparação da média. Os resultados mostram que, em média, as percepções masculinas são superiores às percepções femininas, mais próximas de 4- “Os dois igualmente”, tanto na Esfera Política, como na Esfera Empresarial. Por outro lado, na Esfera Privada, as percepções femininas são mais elevadas do que as do género masculino, revelando que as mulheres percebem mais desigualdade para o seu lado, nesta área.

Quanto ao tipo de ensino, tanto na Esfera Política, como na Empresarial, os estudantes do ensino regular percebem uma maior desigualdade de género com médias inferiores a 3- “Homens um pouco mais”, em comparação com os estudantes do ensino profissional. Na Esfera Privada, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (p-valor = 0,053) nas conceções médias entre estes dois grupos, ambas apontando para uma média próxima de 4- “Os dois igualmente”, o que refere uma percepção de igualdade de género.

Comparando os estudantes que tinham formação em igualdade de género com os que não tinham, foi encontrada uma diferença significativa na percepção média nas Esferas Pública e Privada, sendo a média mais baixa para aqueles que tinham recebido formação. Por outras palavras, as percepções médias para aqueles que tinham recebido formação são próximas de 2- “Homens mais”, o que aponta para uma maior percepção de desigualdade de género. Não foram encontradas diferenças significativas (p-valor = 0,174) na percepção média, na Esfera Privada, entre estes dois grupos. Ambas as médias estão próximas de 4, o que significa que ambos os grupos têm uma percepção de igualdade de género nesta Esfera.

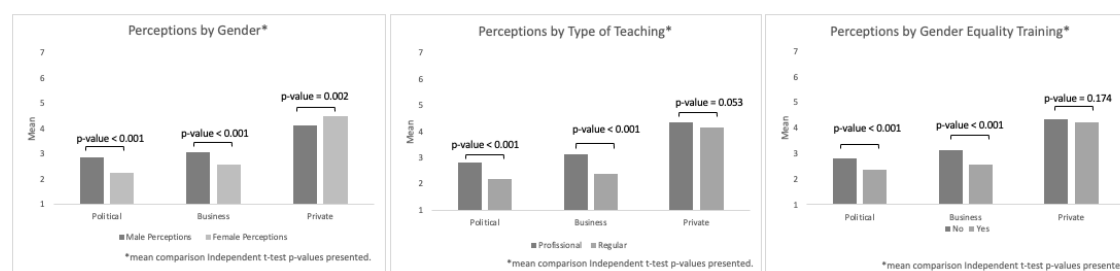


Figura 5- Comparação das médias das percepções na Esfera Política, Empresarial e Privada

4.4. Percepções das Atividades

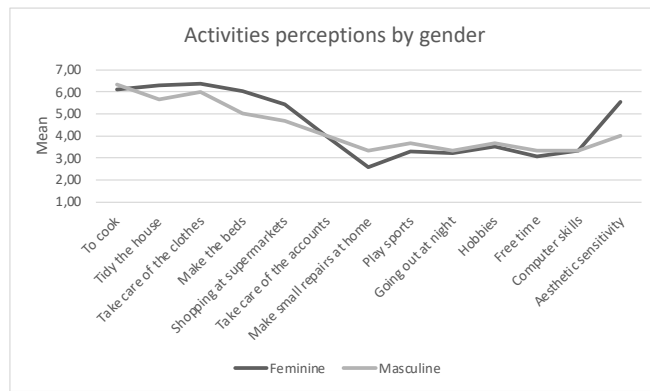


Figura 6- Comparação da média das percepções em função do género

Através da análise das médias das respostas deste conjunto de questões sobre as Atividades (tarefas diárias) em função do género (Figura 6), verifica-se que as respostas de homens e mulheres diferem pouco, o que vai de encontro à tese acerca da existência de atividades mais realizadas pelos indivíduos em função do seu género e que são reconhecidas pelos mesmos.

Os alunos que estiveram numa formação do projeto CLDS 4IN têm uma maior percepção das desigualdades de género (Figura 7), uma vez que, atividades como, por exemplo, “cozinhar” são mais percecionadas pelos alunos que estiveram na formação como mais realizadas por mulheres, ao passo que, os que não tiveram, tendem a percecionar menos esta desigualdade. No mesmo sentido, a atividade “fazer pequenas reparações em casa” é uma atividade percecionada pelos alunos que estiveram na formação como mais realizada por homens. Assim, os resultados são idênticos aos obtidos na análise da associação com as esferas, isto é, os alunos que detinham maior conhecimento sobre o tema, eram também os que estavam mais conscientes das assimetrias de género.

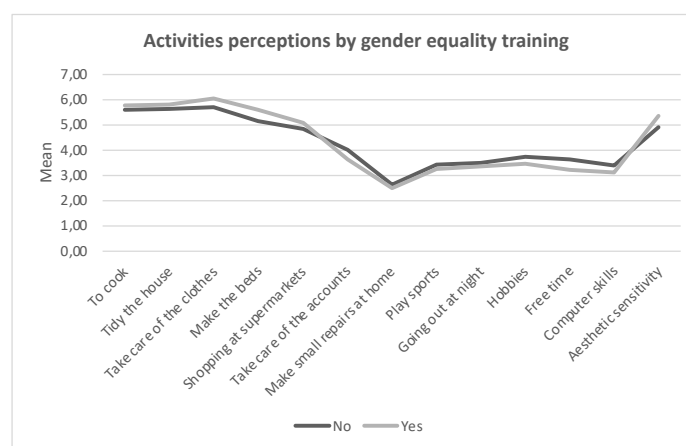


Figura 7- Comparação das médias das percepções das Atividades em função da formação em igualdade de género

Por último, foi realizada a correlação entre a variável “Tipo de ensino” e as “Atividades”, onde não foram encontradas diferenças acentuadas entre as respostas dos jovens em função do tipo de ensino que

frequentam (Figura 8). Todos reconhecem que existem mais atividades que são realizadas por mulheres, nomeadamente, as relacionadas com as tarefas domésticas e outras mais realizadas por homens, como as relacionadas com os tempos lazer. Ainda assim, de referir que são os jovens do ensino regular quem mais aponta a existência de atividades “genderizadas”.

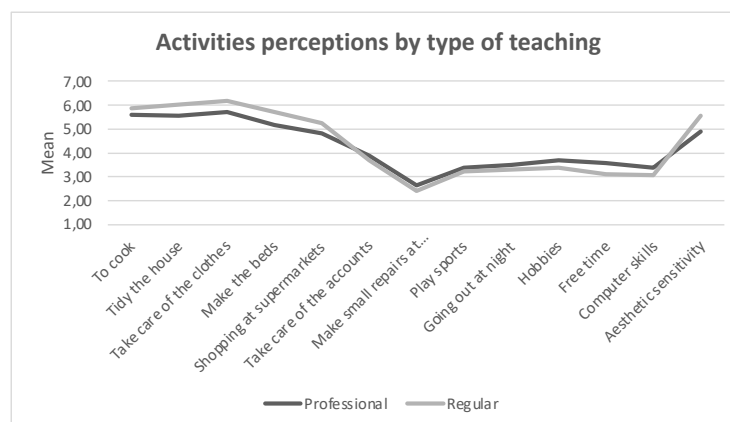


Figura 8- Comparação da média das percepções das Atividades em função do género

5. Discussão

Através da análise dos dados, é possível entender que os jovens estão conscientes das desigualdades de género existentes na sociedade, quer na Esfera Política, Empresarial e/ou Privada (lar). Ainda assim, as diferenças de poder e estatuto entre homens e mulheres são mais percecionadas pelos jovens na Esfera Política e na Esfera Empresarial, do que na Privada e mais na Esfera Política, do que na Empresarial. Os nossos resultados vão de encontro aos do estudo conduzido Neff et al. (2007), onde se percebeu que os respondentes percecionavam as desigualdades de género de igual forma, nas dimensões em análise.

Ao nível das Atividades (tarefas diárias) estas são percecionadas como podendo ser desenvolvidas, de forma igual, por homens e mulheres. Contudo, de notar, que são mais as mulheres que são mais responsáveis pelas tarefas domésticas.

Quando realizada a correlação entre o género e as percepções, concluímos que são mais as mulheres quem mais tende a apontar estas assimetrias.

Compreende-se ainda que, são os jovens que participaram nas formações do projeto CLDS 4IN e que, por esse motivo, têm maior conhecimento sobre a temática, quem mais está consciente das desigualdades género. De notar que, a educação formal, para além, de permitir o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos indivíduos, tem um papel fulcral na modelagem dos seus valores, crenças e atitudes, influenciando, nomeadamente, atitudes mais iguais no que concerne à visão dos papéis de género e incentivando, por exemplo, a participação das mulheres no mercado de trabalho (Du et al., 2021). Num estudo realizado numa universidade em Barcelona por Bartual-Figueras et al. (2017), foram introduzidas nas disciplinas conhecimentos específicos sobre género e verificou-se que, conforme os resultados do nosso estudo, estes conhecimentos se traduzem numa maior perceção das desigualdades de género por parte dos jovens,

principalmente das mulheres jovens que tendem a reconhecer mais estas desigualdades. No mesmo sentido, um outro estudo, desta vez realizado no ensino superior, demonstra a importância da formação em matéria de igualdade de género, uma vez que, através da integração de Planos de Igualdade nas universidades, que afetam toda a comunidade educativa, mas também, aulas sobre Estudos de Género dirigidas aos alunos, implicou um aumento da consciência das desigualdades por parte dos jovens inquiridos (Pla-Julián & Díez, 2019).

Relativamente ao tipo de ensino frequentado pelos jovens, isto é, regular ou profissional, em relação às perceções nas Esferas em análise, retém-se que são os jovens do ensino regular os que apontam mais estas desigualdades. Para uma melhor interpretação destes dados, importa referir que 127 inquiridos, estudam numa escola profissional agrícola especializada, onde os alunos, são na sua maioria deslocados, residindo fora do período letivo noutras zonas do país, principalmente em zonas rurais. Assim, tendo em conta os processos de socialização e a sua influência na modelagem dos indivíduos (Chafetz, 2006; Lee et.al, 2012), compreende-se que os contextos de socialização dos jovens poderão ter influência nestes dados.

As características associadas ao género, formadas através dos estereótipos prevaletentes na sociedade, são opostas e difíceis de alterar, o que contribui para o reforço das perceções das diferenças entre homens e mulheres (Ellemers, 2018). Estes estereótipos têm uma grande influência sobre o comportamento dos indivíduos, mesmo naqueles que não concordam com os mesmos (Pickens, 1985). Ou seja, neste estudo, uma vez que não estávamos a pedir a opinião pessoal dos jovens sobre as assimetrias, podendo estes concordar ou não com estas, podemos assumir que a perceção destas desigualdades, poderá ter um impacto direto nos seus comportamentos.

De reter ainda que, quanto maior a perceção da desigualdade de género e do sexismo, menor o bem-estar psicológico das mulheres, estas que, como verificamos, estão mais conscientes das assimetrias de género. As implicações psicológicas destas perceções, podendo diferir tendo em conta o contexto cultural dos indivíduos, poderão despoletar sentimentos de raiva e reduzir os níveis de satisfação com a vida (Kinias & Kim, 2012).

Por outro lado, o conhecimento destas disparidades poderá ajudar os jovens a agir perante uma situação de desigualdade, por exemplo, no âmbito laboral. Com maior educação sobre a temática, nomeadamente, com ferramentas que lhes são transmitidas durante estas sessões, estamos a contribuir para que estes jovens possam atuar como agentes de mudança, passando estes a assumir um papel importante na diminuição destas assimetrias.

6. Implicações teóricas e práticas

A primeira implicação está relacionada com a educação e os seus impactos em várias dimensões diferentes, pelo que a compreensão da existência de desigualdade de género pode ter implicações no percurso educativo e profissional dos jovens (Pandey et al., 2022; Sicard et al., 2021). O género é, portanto, um dos fatores que mais condiciona as escolhas escolares e profissionais (Baron et al., 2007; Iniesta-Bonillo et al., 2013; Nações Unidas, 2017; Yaish & Stier, 2009). As mulheres jovens estão conscientes de que, apesar de

obterem melhores resultados académicos, este sucesso pode não se refletir numa profissão com maior estatuto e melhor remuneração.

Apesar de serem mais qualificadas do que os homens e terem melhores resultados académicos, as mulheres continuam a ocupar posições inferiores nas hierarquias das empresas (Sicard et al., 2021). Facultados estes dados, as mulheres jovens podem considerar que o sucesso escolar pode não ser um reflexo do estatuto profissional e social e os rapazes, percebendo esta inversão, podem acreditar que não precisam de alcançar bons resultados académicos para obterem empregos socialmente valorizados (Heiniger & Imdorf, 2018; Iniesta-Bonillo et al., 2013; Lasselle et al., 2021; Ndobo, 2013; Saavedra, 2009). O género pode influenciar as aspirações, expectativas e escolhas profissionais de adolescentes e mulheres (Saavedra, 2009), sendo que os jovens são influenciados desde tenra idade, através de processos de socialização, a ter gostos/interesses considerados mais apropriados na sociedade de acordo com o seu género. A consciência de que existem certas profissões para homens e outras para mulheres pode influenciar a escolha de uma profissão e, até mesmo numa fase anterior, determinar a área de educação a ser seguida na escola secundária (Buckles, 2019; Carriero & Naldini, 2022; Heiniger & Imdorf, 2018), pelo que os indivíduos podem eliminar prematuramente opções/escolhas de carreira realizáveis por terem crenças de auto-eficácia desajustadas e imprecisas e, falta de informação, ou por terem sofrido de processos de socialização relacionados com o género.

Ao mesmo tempo, os estereótipos que são levados a cabo pela sociedade no que diz respeito à "genderização" das profissões originam o que a literatura tem chamado o efeito "Leaky pipeline" (Buckles, 2019). Ou seja, na redução das mulheres, académica e profissionalmente, em áreas consideradas pela sociedade como adequadas para os homens, como é o caso das Ciências, da Engenharia e da Tecnologia; no mesmo sentido, esta "genderização" das profissões pode condicionar o acesso dos homens às profissões tipicamente femininas (Badman, 2022). As mulheres, como se verifica pelo nosso estudo, acham que a responsabilidade pelas tarefas domésticas, cuidar da casa, dos filhos e outras tarefas associadas à sua função social maternal, recai ainda muito sobre elas. Assim, as mulheres jovens, mais ou menos conscientemente, no momento da escolha de uma profissão, consideram as dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar, com base no facto de que uma profissão que implica melhores salários e maior prestígio social implica, também, uma maior dedicação à profissão e dispêndio de tempo, incompatível com esta função social maternal. Além disso, a antecipação de dificuldades na conciliação da vida familiar e profissional, bem como as condições estruturais de trabalho e a perceção de discriminação entre mulheres e homens são fatores que influenciam a escolha de uma profissão (Buckles, 2019; Schnurr & Fuchs, 2022). Estes diferentes fatores, de uma forma mais ou menos direta, podem contribuir para a perpetuação das desigualdades, uma vez que mantêm as mulheres afastadas de áreas mais prestigiadas e melhor remuneradas. Por conseguinte, existe uma necessidade urgente de intervenção em matéria de igualdade de género, nomeadamente, através de ações de sensibilização, orientação profissional sensível ao género com adolescentes e mesmo de intervenção com os pais e educadores, que desempenham um papel fundamental nas escolhas profissionais.

O facto de os jovens estarem conscientes das desigualdades de género pode ser importante no sentido em que podem questioná-las de uma forma sagaz e, assim, rejeitar as suas consequências negativas, que serão

capazes de identificar. Assim, a necessidade de abordar as questões de gênero nos programas escolares e nos diferentes níveis de ensino, é crucial, a fim de proporcionar este conhecimento a ambos os gêneros e, assim, gerar um maior empenho dos jovens na luta pela igualdade de gênero. Assim, a intervenção em matéria de igualdade de gênero pode também incluir ações de sensibilização dirigidas aos estudantes, a introdução de questões de gênero em programas acadêmicos e a criação e implementação de programas de orientação profissional sensíveis ao gênero. Para além da intervenção com os jovens, é também importante realizar ações de sensibilização dirigidas aos pais, bem como formar o resto da comunidade educativa (professores e pessoal não docente) sobre a questão.

Como mencionado anteriormente, a igualdade de gênero é um dos ODS a alcançar na Agenda 2030 definida pelas Nações Unidas (ONU), embora mesmo com políticas destinadas a reforçar a sede política das mulheres, tais como a Lei da Paridade, as mulheres ainda estão sub-representadas nesta área e são vistas pelos jovens como tendo menos poder e estatuto nesta área. As mulheres ainda se sentem pouco atraídas pela área política, pelo que é necessário reforçar estas medidas, possivelmente com campanhas de sensibilização dirigidas aos agentes políticos, para que sejam melhor bem aceites nesta área.

Empresas públicas e privadas, municípios, associações empresariais e outras organizações como organizações sem fins lucrativos, associações de desenvolvimento, universidades e outros departamentos governamentais deveriam, também, adotar medidas como a criação e implementação de Planos de Igualdade de Género que incluam ações destinadas a responder aos desafios atuais em matéria de melhores práticas e requisitos legais sobre as questões de diversidade e inclusão como: adoção de medidas de discriminação positiva e sensibilização interna, que garantam a igualdade no acesso ao mercado de trabalho; adoção de condições de trabalho diversas, que protejam a parentalidade e promovam a conciliação da atividade profissional com a vida familiar e pessoal, lutando contra a segregação vertical e horizontal; e garantindo a igualdade de remuneração. Em suma, medidas que combatam a discriminação com base nas características pessoais dos indivíduos (gênero) e promovam competências e qualificações (Buckles, 2019; Pernas et al., 2008; Schnurr & Fuchs, 2022).

7. Conclusões

O nosso estudo utilizou uma metodologia quantitativa e os resultados foram obtidos através da aplicação de inquéritos. No total foram recolhidas 302 respostas de jovens, o que permitiu recolher dados substanciais para responder aos objetivos propostos.

Em síntese, compreendeu-se que os jovens têm perceções bastante vincadas da desigualdade de gênero, principalmente, as mulheres. Para as três Esferas em análise, as desigualdades foram mais evidenciadas na Esfera Política, seguindo-se, a Esfera Empresarial e, com menos relevo, a Esfera Privada (lar).

Ao nível das Atividades (tarefas diárias), as respostas indicam, na sua maioria, uma perceção de igualdade entre gêneros. Contudo, verificou-se que a tendência de ser a mulher quem mais se ocupa com as tarefas domésticas, persiste.

As correlações realizadas entre as Percepções para as três Esferas e Atividades (tarefas diárias), com a variável “Gênero”, “Tipo de Ensino” e “Frequência ou não das sessões do projeto CLDS 4IN” permitiram-nos, de uma forma geral, extrair conclusões como: são as jovens mulheres quem está mais consciente das desigualdades de gênero; são os jovens do ensino regular quem mais tende a reconhecê-las e a educação/formação sobre o tema - igualdade de gênero - tem influência na identificação de maiores disparidades entre homens e mulheres.

É também importante ter em mente a necessidade de intervenção nas escolas no que diz respeito ao problema da desigualdade de gênero que, como vimos, pode ter implicações nas carreiras acadêmicas e profissionais dos jovens.

Para investigação futura, deverá ser recolhida mais informação referente à caracterização sociodemográfica dos jovens, por forma a ser perceptível o papel dos diferentes tipos de socialização nestes resultados.

Referências Bibliográficas

- Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas Representações de Género. *Revista Crítica Das Ciências Sociais*, 34(Fevereiro), 9–22.
- Badman, S. (2022). Gender imbalance in the genetic counseling profession: An Australasian perspective. *Journal of Genetic Counseling*, 31(1), 291–295. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/jgc4.1453>
- Baron, J. N., Hannan, M. T., Hsu, G., & Kocak, O. (2007). In the Company of Women: Gender Inequality and the Logic of Bureaucracy in Start-Up Firms. *Work and Occupations*, 34(1), 35–66. <https://doi.org/10.1177/0730888406296945>
- Bartual-Figueras, M. T., Carbonell-Esteller, M., Carreras-Marin, A., Colomé-Ferrer, J., & Turmo-Garuz, J. (2017). Students’ Awareness on Gender Inequality: Can We Improve It? *ICERI2017 Proceedings*, 1(November), 570–574. <https://doi.org/10.21125/iceri.2017.0239>
- Buckles, K. (2019). Fixing the Leaky Pipeline: strategies for making economics work for women at every stage. *Journal of Economic Perspectives*, 33(1), 43–60. <https://doi.org/10.1257/jep.33.1.43>
- Carriero, R., & Naldini, M. (2022). Gender Disparity in Access to Academia in Italy. Are there barriers to women’s early career stages? *Polis*, 1(1/2022), 5–32. <https://doi.org/10.1424/103557>
- Chafetz, J. S. (2006). Sociology of gender. In *The Oxford Handbook of the Sociology of Latin America*.
- CIG. (2017). *Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*. Retrieved from https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Conhecimento_Genero_e_Cidadania_Ensino_Secundario_Versao_Digital.pdf
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297–334. <https://doi.org/10.1007/BF02310555>

- Diário da República. Portaria n.º 229-A/2018 de 14 de agosto. , 156 Diário da República (2018).
- Du, H., Xiao, Y., & Zhao, L. (2021). Education and gender role attitudes. In *Journal of Population Economics* (Vol. 34). <https://doi.org/10.1007/s00148-020-00793-3>
- Ellemers, N. (2018). Gender Stereotypes. *Annual Review of Psychology*, *69*, 275–298. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011719>
- Eurofund. (2020). *Working conditions in sectors*.
- Heiniger, M., & Imdorf, C. (2018). The role of vocational education in the transmission of gender segregation from education to employment: Switzerland and Bulgaria compared. *Journal for Labour Market Research*, *52*(15), 2–21.
- Iniesta-Bonillo, M. A., Sánchez-Fernández, R., & Schlesinger, W. (2013). Investigating factors that influence on ICT usage in higher education: A descriptive analysis. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, *10*(2), 163–174. <https://doi.org/10.1007/s12208-013-0095-7>
- Kinias, Z., & Kim, H. S. (2012). Culture and gender inequality: Psychological consequences of perceiving gender inequality. *Group Processes and Intergroup Relations*, *15*(1), 89–103. <https://doi.org/10.1177/1368430211408940>
- Lasselle, L., Schelfhout, S., Fonteyne, L., Kirby, G., Smith, I., & Duyck, W. (2021). An examination of gender imbalance in Scottish adolescents' vocational interests. *PLoS ONE*, *16*(9 September), 1–19. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257723>
- Lee, N.-J., Shah, D. V., & McLeod, J. M. (2012). Processes of Political Socialization: A Communication Mediation Approach to Youth Civic Engagement. *Communication Research*, *40*(5), 669–697. <https://doi.org/10.1177/0093650212436712>
- Mareque, M., de Prada, E., & Pino Juste, M. (2022). Aspiring and inspiring: the role of women in educational leadership. *Gender in Management: An International Journal*, ahead-of-print(ahead-of-print). <https://doi.org/10.1108/GM-07-2021-0221>
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística* (2nd ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Miranda, P. (2008). A construção social das identidades de género nas crianças : um estudo intensivo em Viseu. *VI Congresso Português de Sociologia*.
- Monteiro, R., Agostinho, L., & Daniel, F. (2015). Um diagnóstico da desigualdade de género num município em Portugal: Estruturas e representações. *Revista de Administração Pública*, *49*(2), 423–446. <https://doi.org/10.1590/0034-7612130497>
- Ndobo, A. (2013). Discourse and attitudes on occupational aspirations and the issue of gender equality: What are the effects of perceived gender asymmetry and prescribed gender role? *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, *63*(4), 231–241. <https://doi.org/10.1016/j.erap.2013.02.003>
- Neff, K. D., Cooper, C. E., & Woodruff, A. L. (2007). Children's and adolescents' developing

- perceptions of gender inequality. *Social Development*, 16(4), 682–699.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00411.x>
- WHO. (1986). *WHO_TRS_731.pdf* (p. 120).
- Pandey, S. K., Newcome, K., DeHart-Davis, L., Johnson, J. M., & Riccucci, N. M. (2022). Reckoning With Race and Gender in Public Administration and Public Policy: A Substantive Social Equity Turn. *Public Administration Review*, 82(3), 386–395.
- Perista, Heloisa; Cardoso, Ana; Brázia, Ana; Abrantes, MAnuel; Perista, P. (2016). *Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal*.
- Pernas, G., Fernandes, M. V., & Guerreiro, M. das D. (2008). *Guião para a Implementação de Planos de Igualdade nas Empresas*.
- Pickens, J. (2005). Attitudes and Perceptions. In *Organizational Behavior in Health Care* (pp. 43–76).
- Pla-Julián, I., & Díez, J. L. (2019). Gender Equality Perceptions of Future Engineers. *Engineering Studies*, 11(3), 243–251. <https://doi.org/10.1080/19378629.2018.1530242>
- Saavedra, L. (2009). Assimetrias de Género nas Escolhas Vocacionais. *Guião de Educação, Género e Cidadania*, 121–130.
- Sagnier, L., & Morell, A. (2021). *Os Jovens em Portugal*. Lisboa.
- Schnurr, B., & Fuchs, C. (2022). Public Reactions to Instances of Workplace Gender Discrimination. *Journal of Experimental Psychology-Applied*. <https://doi.org/10.1037/xap0000433>
- Sicard, A., Martinot, D., Toczek, M. C., Pironom, J., & Damon, C. (2021). Turning the gender tables: evidence of students' awareness of a reversal in gender status between academic and occupational contexts. *Social Psychology of Education*, 24(1), 247–272. <https://doi.org/10.1007/s11218-021-09607-0>
- Torres, A., Pinto, C. P., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*.
- United Nations. (2017). Progress towards the Sustainable Development Goals. In *United Nations - Economic and Social Council*. [https://doi.org/10.1016/0168-9002\(90\)91300-Z](https://doi.org/10.1016/0168-9002(90)91300-Z)
- United Nations. (2020). Youth: Social Entrepreneurship and the 2030 Agenda. In *The World Youth Report*. Retrieved from https://www.un-ilibrary.org/children-and-youth/world-youth-report-2013_613c6857-en
- Yaish, M., & Stier, H. (2009). Gender Inequality in Job Authority: A Cross-National Comparison of 26 Countries. *Work and Occupations*, 36(4), 343–366. <https://doi.org/10.1177/0730888409349751>

Anexos

Perceptions	Questions	Association with Type of Education		Association with Gender		Gender Equality Training	
		p-value*	Cramer's V	p-value*	Cramer's V	p-value*	Cramer's V
Political Sphere	Who tends to have more power in political decision-making, men or women?	<0,001	0,314	<0,001	0,0273	0,019	0,224
	Who tends to have more influence in the political arena, men or women?	<0,001	0,297	0,001	0,231	0,077	0,194
	Who tends to be a political decision-maker more often, men or women?	<0,001	0,292	0,001	0,231	0,01	0,235
	Who tends to have more political status, men or women?	<0,001	0,261	0,003	0,221	0,005	0,25
	Who tends to get more respect in the political arena, men or women?	<0,001	0,291	<0,001	0,301	<0,001	0,315
	Tendency to be honoured more often in the political arena, men or women?	0,005	0,253	<0,001	0,29	<0,001	0,273
Business Sphere	Tententially who has more power in business decision-making, men or women?	<0,001	0,318	<0,001	0,272	0,008	0,24
	Tententially who has more influence in the business field, men or women?	<0,001	0,281	0,055	0,185	0,117	0,184
	Who tends to be in charge of companies more often, men or women?	<0,001	0,309	0,003	0,223	0,008	0,24
	Who tends to have more status in the business field, men or women?	<0,001	0,38	0,003	0,224	<0,001	0,28
	Who tends to get more respect in the business field, men or women?	<0,001	0,343	<0,001	0,277	<0,001	0,302
	Who tends to be honoured more often in the business field, men or women?	<0,001	0,313	<0,001	0,277	<0,001	0,281
Private Sphere	Tententially who has more power in decision-making at home, men or women?	0,02	0,226	0,053	0,185	0,12	0,183
	Tententially who has more influence at home, men or women?	0,17	0,176	0,012	0,291	0,151	0,177
	Who tends to be more often responsible for household chores, men or women?	<0,001	0,322	<0,001	0,311	0,016	0,228
	Who tends to have more status at home, men or women?	0,051	0,207	0,033	0,193	0,02	0,223
	Who tends to get more respect at home, men or women?	0,017	0,23	0,066	0,182	0,108	0,186
	Who tends to be honoured more often at home, men or women?	0,3	0,157	0,703	0,122	0,014	0,23
Activities	Mostly who does the cooking?	0,538	0,131	0,006	0,215	0,017	0,226
	Mostly who does the housework?	0,16	0,178	<0,001	0,297	0,366	0,147
	Who does the laundry?	0,019	0,228	<0,001	0,278	0,018	0,225
	Most often who makes the beds?	0,041	0,212	<0,001	0,305	0,004	0,253
	Who does the shopping at the supermarket?	0,054	0,206	<0,001	0,25	0,276	0,158
	Most of the time who does the household bills?	0,421	0,143	0,69	0,123	0,109	0,186
	Who does most of the time the small repairs at home?	0,187	0,173	0,068	0,182	0,213	0,166
	Most of the time who does more sport?	0,417	0,144	0,079	0,179	0,128	0,181
	Who goes out more often in the evening?	0,647	0,12	0,007	0,213	0,621	0,121
	Who most often has more hobbies?	0,082	0,196	0,15	0,168	0,101	0,188
	Who has more free time?	0,115	0,187	0,008	0,211	0,087	0,191
	Mostly who has more computer skills?	0,059	0,204	0,105	0,174	0,271	0,158
	Most often who has more aesthetic sensibility?	<0,001	0,304	<0,001	0,295	0,046	0,206

* Chi-squared test p-values testing H0: No association between perceptions and Type of Education/Gender/Gender Equality Training.

Table 3- Chi-square independence test p-values and respective Cramer's V statistic.

II. Artigo 2: Educação e Adolescentes - Percepções da Desigualdade de Género

Resumo

Estudo quantitativo que procurou identificar e compreender as percepções da desigualdade de género dos jovens na Esfera Pública, isto é, na Esfera Política e Empresarial, e nas Atividades (tarefas diárias) (N=300).

A análise de classe latentes foi utilizada para agrupar os jovens com base nas suas respostas acerca do poder e estatuto dos homens e das mulheres na Esfera Política e Empresarial, bem como ao nível das Atividades (tarefas diárias). Foram encontrados quatro grupos de jovens que divergem nas suas percepções acerca da Esfera Pública: os Neutros, os Moderados, os Conscientes e os Outsiders. Já no que concerne às Atividades (tarefas diárias), foi possível chegarmos a três grupos de jovens que diferem nas suas percepções, são eles: o Azul, o Cinza e o Rosa.

Palavras-chave: percepção, desigualdade de género, jovens e educação

Abstract

Quantitative study that tried to identify and understand young people's perceptions of gender inequality in the public sphere, i.e. in the political and business sphere, and in activities (N=300).

Latent class analysis was used to group the youth based on their responses about the power and status of men and women in the political and business sphere, as well as at the level of and activities (daily tasks). Four groups of young people were found who differ in their perceptions about the Public Sphere: the Neutrals, the Moderates, the Radicals, and the Outsiders. In what concerns Activities (daily tasks) it was possible to reach three groups of young people that differ in their perceptions, they are: the Blue, the Gray and the Pink.

Keywords: perceptions, gender inequality; youth and education

1. Introdução

Apesar das mudanças no contexto político, social e económico, as assimetrias de género são, ainda, uma realidade da nossa sociedade.

De acordo com o Relatório Global de Desigualdade de Género de 2022 serão necessários 132 anos para eliminarmos as assimetrias de género, menos quatro estimados do que o previsto no relatório de 2021. De destacar que, em 146 países analisados, apenas 33 % das mulheres ocupam posições de liderança no setor público e apenas 31% quando falamos apenas do setor privado (World Economic Forum, 2022). O domínio do empoderamento político era um dos que mais diferenças entre géneros assinalava em 2021 (22%), seguido do domínio da Participação Económica e Oportunidade (58%). Comparando o ano de 2022 com o anterior, no domínio do empoderamento político o fosso entre géneros permanece igual (22%), já o domínio da Participação Económica e Oportunidade aumentou para 60,3%. No domínio da Saúde e Sobrevivência o índice subiu de 95,7% para 95,8% e no domínio do Desempenho Educativo os valores passaram de 95,2% para 94,4% (World Economic Forum, 2021; World Economic Forum, 2022).

Sabe-se que o género é um dos fatores que mais condiciona as escolhas ao nível escolar, bem como profissional (Baron et al., 2007; CIG, 2017; Iniesta-Bonillo et al., 2013; United Nations, 2017; Yaish & Stier, 2009), acabando por influenciar “as aspirações, expectativas e escolhas profissionais das adolescentes e mulheres” (Saavedra, 2009, p.123).

Por seu turno, os jovens têm sido considerados importantes agentes para a mudança social, sendo que os seus contributos e competências são essências para o futuro das sociedades democráticas e para o desenvolvimento das mesmas. A perceção destes sobre a desigualdade de género torna-se, assim, importante no sentido em que estes poderão mais facilmente questioná-la de forma criteriosa e, desta forma, rejeitar as suas consequências negativas, que saberão identificar (Neff et al., 2007).

A escola através de diferentes práticas é um espaço que poderá contribuir para a perpetuação e reprodução das desigualdades de género, raça ou classe social ou, por outro lado, poderá ser um importante espaço de produção da mudança (Saavedra, 2005a).

Considerando o papel da educação na formação da identidade dos jovens e como motor de mudança social, neste estudo, pretendemos agrupar as repostas dos jovens inquiridos por forma a identificar padrões de perceções destes sobre a desigualdade de género na Esfera Pública e nas Atividades (tarefas diárias).

2. Quadro Teórico

2.1 Educação e Género

A identidade de género é o cerne do desenvolvimento da personalidade, influenciando a forma de ser, agir e pensar dos indivíduos, e compõe-se por um conjunto de crenças, atitudes e estereótipos do indivíduo sobre o género, com origem em precedentes biológicos, psicológicos e sociais. Podemos, assim, definir identidade de género como a consciência, desenvolvida na segunda infância, de que se é do sexo feminino ou masculino e tudo o que isso implica (Papalia et al., 2006).

De acordo com (Dayrell, 2007, p. 1114) um jovem é “um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos”. Assim, constrói a sua identidade através das interações que tem com os que o rodeiam e com os contextos sociais onde está inserido.

A socialização primária, acontece com familiares mais próximos e é através desta que os indivíduos se tornam parte da sociedade, aprendendo valores, interiorizando a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais do grupo, do qual faz parte (Berger & Luckmann, 2004). É com a família que o processo de socialização de género acontece, numa primeira fase, onde esta ensina de forma direta ou indireta às crianças que existem duas formas de identidade e expressão de género, baseadas nos dois sexos biológicos existentes (masculino e feminino) (Page & Peacock, 2013). Assim, as crianças aprendem com as suas famílias que ser rapariga ou rapaz representa duas formas opostas de ser e pensar e o que é e o que não é apropriado para o seu género (Blaise & Taylor, 2012; Page & Peacock, 2013; Papalia et al., 2006; Payne & Smith, 2014).

Contudo, atualmente, a família não se constitui como um agente central da socialização das crianças. Muito cedo, os encarregados/as de educação partilham a educação dos seus filhos com instituições especializadas, como as creches, as escolas, entre outras. Estas instituições, onde os jovens passam a maioria do seu tempo, acumulam com a função de fornecer conhecimentos técnicos necessários para desempenhar uma profissão futura, a função de socialização das nossas crianças/jovens (Chaves, 2015). A família e os professores assumem, então, a corresponsabilidade de educar os nossos jovens (Lucas-Palacios et al., 2022). A escola deverá assumir esta função através da transmissão dos valores da liberdade, da justiça, da pluralidade e/ou igualdade, contribuindo positivamente para uma sociedade mais justa e igual, nomeadamente, no que ao género diz respeito (Henriques & Marchão, 2016). A socialização secundária, na qual esta se inscreve, corresponde à “interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições” e deverá ser uma continuação do apreendido da primeira (Berger & Luckmann, 2004, p.184)

A Lei de Bases do Sistema Educativo português (Lei n.º 46/86)² salienta o papel da escola na promoção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, referindo que esta instituição deve “promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (art. 2.º), contribuindo para “o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade

² Lei de Bases do Sistema Educativo disponível em: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975> consultado a 14 de setembro de 2022

dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autônomos e solidários (...)” (art. 4.º), bem como deverá “promover o desenvolvimento de um espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões (...)” (art. 5.º).

Nas diferentes atividades onde envolvem crianças/ jovens, como na sala de aula, no recreio, nos grupos de amigos e na interação aluno-professor, as escolas são importantes centros de relações sociais (Moreira, 2015). A teoria da aprendizagem social refere que o género é aprendido com base na interação dos indivíduos com o ambiente que o rodeia, ou seja, na interação social por meio da socialização (Arslangiray, 2013). Assim, a interação é considerada como um meio privilegiado de aquisição de conhecimentos e formação da identidade.

Contudo, é preciso notar que a escola não existe separada da sociedade, dos seus valores, costumes, entre outros, pelo que, na maioria das vezes, o modelo binário de género, que é primeiramente ensinado através da socialização pela família mais próxima é, frequentemente, replicado pelos educadores/ professores em contexto de sala de aula (Chofla & Raffanti, 2016). As interações circunscritas no espaço escolar podem, por um lado, reproduzir as desigualdades sociais ou, por outro, serem facilitadoras da mudança social (Saavedra, 2005a). Para isso, Saavedra (2005) defende que os diferentes agendes educativos (encarregados/as de educação, professores/as, diretores de escolas e profissionais da psicologia) têm de tomar consciência de que certas práticas escolares contribuem para a reprodução de comportamentos, responsabilizando-se e comprometendo-se com a alteração de tais práticas. Objetivando algumas das práticas da escola que poderão contribuir para o alargamento das desigualdades podemos mencionar (Silva & Saavedra, 2009):

- A “ideologia inscrita nos manuais escolares” (Saavedra, 2005, p.73), onde é possível encontrar estereótipos de género, nas conceções do feminino e do masculino integradas e a forma como o homem e a mulher são representados. Nos materiais pedagógicos é, também, comum serem exibidas de forma assimétrica o número de profissões exercidas pelas personagens masculinas face às femininas, sendo que as mulheres são exibidas, quase sempre, num papel secundário. Nestes, existe uma maior representação masculina que, por norma, é acompanhada por uma postura ativa dos homens e passiva das mulheres. Verifica-se, ainda, nas histórias, a representação das mulheres em situações de fragilidade e dependência, ocupando-se estas só e exclusivamente com as tarefas domésticas e cuidados com os filhos/as, o que contribui para o reforço dos papéis de género;

- O uso de uma linguagem não inclusiva em termos de género, presente nos manuais escolares e usada pela comunidade educativa, muitas vezes, uma linguagem sexista, onde podemos assinalar o uso como ponto de referência do “masculino”, quando pretende referir-se a mulheres e a homens de uma forma geral e/ou o uso de certas expressões que têm inerentes certos estereótipos sociais (Saavedra, 2009);

- A hierarquização que é feita das disciplinas (Saavedra, 2005, p.73), sendo que o conhecimento sobre as áreas de matemática, ciências experimentais em geral e tecnologias é mais valorizado e escolhido por jovens rapazes e os conhecimentos sobre humanidades são menos valorizados e escolhidos pelas jovens raparigas;

- Os espaços e a formas como as interações entre jovens ocorrem nestes, nomeadamente, as “tendências de formação de grupos de um sexo, dos papéis que alunas e alunos desempenham em função do espaço que ocupam, das atividades que desenvolvem, das atitudes que apresentam e das interações que têm com outros e outras nesses espaços – de passividade ou agressividade, de cooperação ou prepotência, de solidariedade ou exclusão, de comando ou indiferença, etc.”(Silva & Saavedra, 2009, p. 74);

- As “relações estabelecidas na sala de aula entre professores/as e alunos/as, as quais reforçam as tendências discriminatórias presentes nos currículos e nos materiais pedagógicos” (Saavedra, 2005, p.10). Tendo em conta que as representações e expectativas acerca de comportamentos e sucesso escolar por parte de professores têm impacto no seu desempenho e que estas variam consoante o sexo do aluno, podemos compreender que estas possam predizer o futuro profissional de raparigas e rapazes (Silva & Saavedra, 2009).

O currículo deverá, assim, ser perspetivado para além de um conjunto de programas de diferentes disciplinas que fazem parte de um plano de estudos. Deverá ser olhado antes como um conjunto de aprendizagens, notadas como necessárias à vida em sociedade, num determinado tempo e contexto, que a escola deverá promover e planificar. Do currículo fazem parte todas as dimensões da vida na escola, onde as questões de género estão em todas envolvidas, como é caso de nas relações entre alunos e professores, entre alunos e alunos, nas atividades extracurriculares propostas pela escola, nos espaços escolares, entre outros (Silva & Saavedra, 2009).

Em suma, o currículo “oculto³”, ou seja, aquele que não é declarado ou intencional, poderá contribuir para reforçar os estereótipos de género que agem delicadamente sobre os processos de socialização das alunas e dos alunos, através das interações, da forma como são organizadas as aulas, através das expectativas dos/as professores acerca da conduta e aproveitamento dos/das alunas, pelas características das tarefas de aprendizagem, pelos métodos de avaliação, pela escolha e planeamento das atividades curriculares e não curriculares e pela linguagem (verbal e não verbal) (Silva & Saavedra, 2009).

Romper com estas práticas implica a inclusão das questões da igualdade de género nos programas escolares, nas disciplinas e currículos, nos diferentes graus de ensino, por forma a proporcionar estes conhecimentos a ambos os géneros e, desta forma, gerar-se um maior compromisso dos jovens na luta pela igualdade de género (Alvarez et al., 2017; Neff et al., 2007).

Atualmente, existem inúmeros recursos pedagógicos que professores, educadores e outros elementos da comunidade educativa poderão utilizar para a integração da perspetiva de género nas práticas educativas formais e nas dinâmicas organizacionais das instituições educativas. Destacamos aqui os “Guiões de Educação Género e Cidadania” e “Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário” produzidos e editados pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG)². Tratam-se de recursos científico-pedagógicos destinados à integração da igualdade de género nos currículos dos diferentes ciclos

³ Currículo informal ou oculto: “relações interpessoais fora e dentro do espaço da aula, na forma como se “dá atenção” a certos alunos ou alunas e se “esquecem” outros e outras, na linguagem que se usa, no que está presente e omisso nos manuais escolares, nos materiais educativos, etc. Este tipo de currículo refere-se a normas e valores que se transmitem por mensagens implícitas, silenciosas, pela linguagem, falada e escrita, e até pela corporal, por expectativas ou falta delas e tudo isto de forma não deliberada ou intencional.”(Silva & Saavedra, 2009, p. 66).

do ensino básico e secundário. As formações realizadas em contexto escolar a que nos referimos neste artigo e que serviram de base para análise quantitativa de dados que iremos expor na parte da Metodologia, tiveram como ponto de referência o manual “Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário” da CIG.

2.2 Ensino profissional e regular

Os cursos profissionais “visam proporcionar aos alunos uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses”, conferindo o nível 4 do Quadro Nacional de Qualificações (QNQ), isto é, o nível secundário. Através destes cursos, os jovens podem optar por integrar o mercado de trabalho e/ou prosseguir de estudos (Portaria n.º 235-A/2018)⁴. No ano letivo 2020/21, em Portugal estavam matriculados no ensino secundário 393 689. Destes, 209 684 alunos estavam inscritos nos cursos Científico-Humanísticos (Ensino Regular) e 115 135 nos Cursos Profissionais (Ensino Profissional) (DGEEC, 2022). Os cursos profissionais, em Portugal e na maioria dos países da OCDE, são mais escolhidos pelos jovens rapazes, do que pelas raparigas. No ano letivo de 2020/21, em Portugal, 83 195 dos alunos a frequentar cursos profissionais eram homens e apenas 57 131 eram mulheres (DGEEC, 2022). No mesmo sentido, no nosso país, 51% dos jovens que concluem estes cursos, são homens. Nos restantes países da OCDE os dados são idênticos, correspondendo esta percentagem a 55% (OCDE, 2021).

No ensino regular, os resultados são os inversos, ou seja, em Portugal, temos mais jovens mulheres a optar pelo ensino geral (regular) (115 290), do que homens (94 394) (DGEEC, 2022). Em Portugal, as mulheres representam 55% das conclusões de cursos científico-humanísticos do ensino secundário, valor idêntico ao observado em média nos países da OCDE (OCDE, 2021). As mulheres são, então, geralmente mais propensas a concluírem o ensino secundário, através dos cursos de carácter geral (regular).

Conforme já referimos, o género ocupa um lugar central nas escolhas vocacionais dos indivíduos. Rapazes e raparigas orientam as suas escolhas de forma diferente em função dos estereótipos sociais relativos ao género, também verificados no que concerne às profissões (Carvalho, 2012; Saavedra, 2009; Terrail, 1992). Na literatura encontramos a expressão “destinos escolares do sexo”, para referir este fenómeno societal (Terrail, 1992). Sendo sugerido que “(...) há formações que convêm às raparigas e outras aos rapazes (...) As formações masculinas seriam as que exigem força ou lógica. Em contrapartida, as que permitem uma grande sensibilidade expressiva, a análise dos próprios sentimentos e dos outros, seriam imediatamente identificadas como femininas.” (Guichard, 1993, p. 135–136).

Aquando da criação dos cursos profissionais existia uma predominância de áreas de formação e cursos que “atraíam” um público maioritariamente do sexo masculino (Peneiras, 2003). Hoje sabemos que o leque de ofertas é mais diversificado. Ainda assim, os cursos profissionais continuam a ser maioritariamente escolhidos por homens. Ao mesmo tempo, as raparigas preferem investir no prosseguimento de estudos

⁴ Portaria n.º 235-A/2018 disponível em: <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/235-a-2018-116154369> consultado a 14 de setembro de 2022

para o ensino superior, daí estarem mais representadas nos cursos secundários gerais, ao contrário dos rapazes que demonstram maior tendência para a inserção imediata no mercado de trabalho (Fernandes et al., 2009). Importa, ainda mencionar que os estudantes oriundos de meios socioeconómicos mais vulneráveis e estudantes que não têm progenitores com formação superior são os mais propensos a optar por esta via de ensino (OCDE, 2021). Acresce que, a escolha de um curso profissional tem estado associada a recursos educacionais fracos, trajetórias escolares inconstantes e um desempenho escolar mediano (Fernandes et al., 2009).

De acordo com Saavedra (2005b), as jovens provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos tendem a escolher cursos socialmente menos valorizados e mais tradicionalmente femininos. Ainda assim, de referir que, apesar das alunas provenientes de famílias com habilitações académicas superiores optarem por cursos mais valorizados socialmente, parecem também ser as alunas com uma origem social mais baixa as que conseguem mais facilmente romper a barreira do género nas suas escolhas profissionais, optando por cursos como Gestão e Engenharia Civil.

Como referem Leitão e Miguel (2001) o desenvolvimento de interesses, resulta não apenas de características pessoais percebidas pelos indivíduos, das suas crenças de autoeficácia ou expectativas de sucesso mas, também, da sua interação com o meio, que determinará as suas oportunidades e experiências. Neste sentido, podemos crer que a opção pela via do ensino profissional pelos alunos oriundos de meios mais desfavorecidos, poderá ser influenciada pelas oportunidades e experiências que estes meios lhes proporcionam.

3. Metodologia

Neste estudo, utilizamos uma análise de classes latentes (LCA – *Latent Class Analysis*) que permite estimar um modelo que agrupa probabilisticamente cada observação (resposta) numa “classe latente” (Linzer & Lewis, 2011). Este método é usado para detetar heterogeneidade latente (ou não observada) na amostra. É um caso especial de modelos mistos centrados no indivíduo, que identifica subpopulações latentes dentro de uma amostra com base em padrões de respostas a variáveis observadas (Weller et al., 2020). Sucintamente, a LCA estima a prevalência para cada classe latente calculando a média entre as probabilidades específicas por indivíduo de pertencer a cada classe latente (Lanza et al., 2007). Desta forma, e neste caso específico, este método permite agrupar os jovens de acordo com as respostas que deram relativamente às perceções de desigualdade de género na Esfera Pública (Política e Empresarial) e ao nível das Atividades (tarefas diárias). Identificando, dessa forma, subgrupos de jovens e detetando padrões de resposta, tendo por base características observadas.

Para realizar esta análise, utilizou-se o software R, em especial o pacote *poLCA* (Linzer & Lewis, 2011). Para determinar o número ótimo de clusters, ajustaram-se vários modelos considerando diferentes números de clusters e compararam-se os valores obtidos para as estatísticas de uso corrente: Informação Akaike critério (AIC), o Critério de Informação Bayesiana (BIC), BIC (aBIC) ajustado, e valores de Entropia. O modelo selecionado foi o que apresentou menores valores para o (BIC) pois é o critério mais adequado para

aplicar nesta metodologia (Forster, 2000). A entropia é uma estatística de diagnóstico que indica com que precisão o modelo define as classes. Em geral, um valor de entropia próximo a 1 é ideal e acima de 0,8 é aceitável (Weller et al., 2020).

Para caracterizar os clusters encontrados relacionou-se a distribuição por clusters com variáveis demográficas tais como o "Género", o "Tipo de Educação" e "Frequência ou não das sessões do projeto CLDS 4IN". Dada a natureza qualitativa das variáveis, recorreu-se ao teste de Qui-quadrado de independência, onde a hipótese nula a testar é a independência entre os clusters e a variável a considerar. Considerou-se um nível de significância de 5%.

3.1. Participantes

O estudo a que nos propomos neste artigo tem como objetivos: (i) compreender as diferentes formas de perceber a desigualdade de género por parte dos jovens na Esfera Pública (Política e Empresarial) e nas Atividades (tarefas diárias); (ii) compreender como é que as perceções da desigualdade de género por parte dos jovens, variam de acordo com as suas características sociodemográficas; (iii) compreender a influência da educação/formação sobre Igualdade de género na construção destas perceções.

Para isto, foram recolhidas 302 respostas de jovens de quatro escolas diferentes do município de Santo Tirso, em Portugal. Temos uma amostra equilibrada: 58% são homens e 41% são mulheres. As idades dos participantes variam entre os 14 e 18 anos, sendo a idade média dos participantes de aproximadamente 16 anos. A maioria dos participantes são solteiros (97%), de nacionalidade portuguesa, com uma qualificação académica de 9º ano (97%) e frequentam educação regular (ensino geral) (33%) ou profissional (64%). Cerca de metade (52%) dos estudantes da amostra tinham frequentado ações de formação/sensibilização dinamizada pelo projeto CLDS4IN sobre o tema da igualdade de género.

4. Resultados e Discussão

4.1. Percepções da Desigualdade de Género Esfera Pública (Empresarial e Política)

Para a análise dos dados relativos às Percepções da desigualdade de género na Esfera Política e Empresarial, selecionamos um modelo de quatro clusters uma vez que, por comparação com outros, era o que apresentava o BIC mais baixo (9282.142). Note-se que todos os valores da entropia, considerando as várias classes, têm valores acima dos 0.8, por isso são aceitáveis (Tabela 3).

Número de classes	log-verossimilhança	Graus de liberdade	BIC	aBIC	cAIC	Razão de verossimilhança	Entropia
1	-538,249	230	11173,649	10945,305	11245,649	7650,833	-
2	-4447,714	157	9723,439	9263,578	9868,439	5783,762	0,982
3	-4064,190	84	9373,253	8681,877	9591,253	5016,715	0,97
4	-3810,204	11	9282,142	8359,249	9573,142	4508,743	0,968
5	-3689,507	-62	9457,610	8303,201	9821,610	4267,349	0,977
6	-3606,243	-135	9707,942	8322,017	10144,942	4100,820	0,965

Tabela 1- Resultados das estatísticas de bondade de ajuste e entropia para os modelos de LCA ajustados.

Para as quatro classes encontradas, detetou-se uma associação estatisticamente significativa entre a distribuição por classes e o “Género” (teste do Qui-quadrado: p-valor <0,001), o “Tipo de Educação” (teste do Qui-quadrado p-valor <0,001), e "Frequência ou não das sessões do projeto CLDS 4IN" (teste do Qui-quadrado p-valor <0,001). O que significa que existem diferenças estatisticamente significativas entre os clusters no que respeita estas variáveis demográficas.

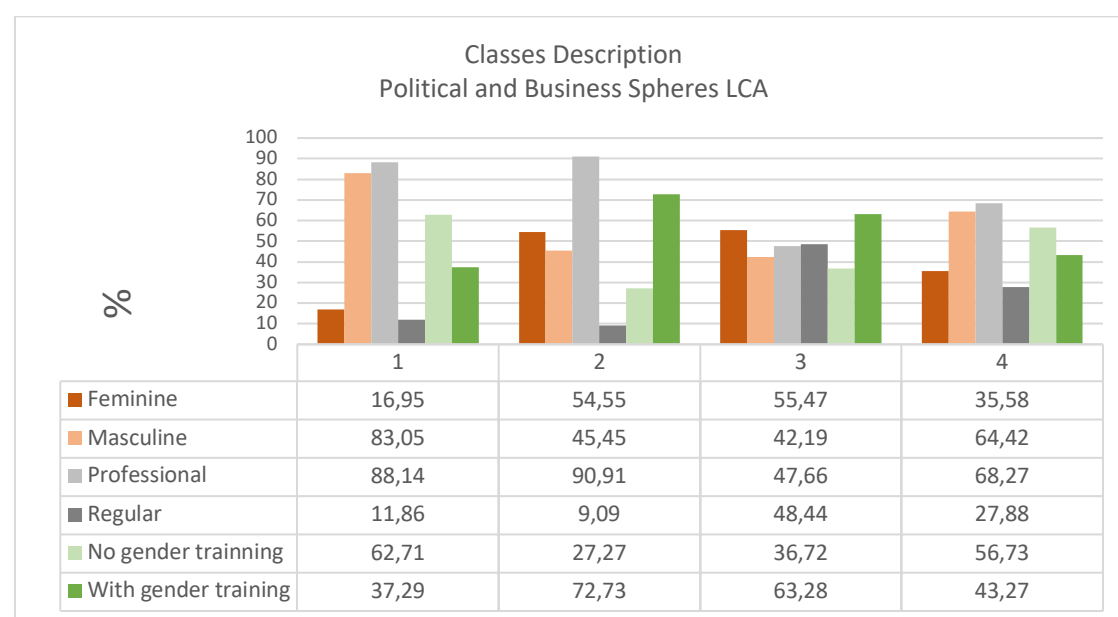


Gráfico 1 - Caracterização dos/as participantes por classes

Os participantes pertencentes à classe 1 (Neutros) são na sua maioria rapazes (83,05%), a frequentar o ensino profissional (88,14%) e sem formação em igualdade de género (62,71%). Na classe 2 (Outsiders) encontramos na maioria raparigas (54,55%), a frequentar o ensino profissional (90,91%) e com formação em igualdade de género (72,73%). A classe 3 (Conscientes) representa jovens na sua maioria do sexo feminino (55,47%), com uma distribuição variada em termos do tipo de ensino, isto é, 48,44% da população frequenta o ensino regular e 47,66%, o profissional e com formação em igualdade de género (63,28%). A classe 4 (Moderados) é composta na sua maioria por jovens do sexo masculino (64,42%), a maioria a frequentar o ensino profissional (68,7%) e sem formação em igualdade de género (56,73%).

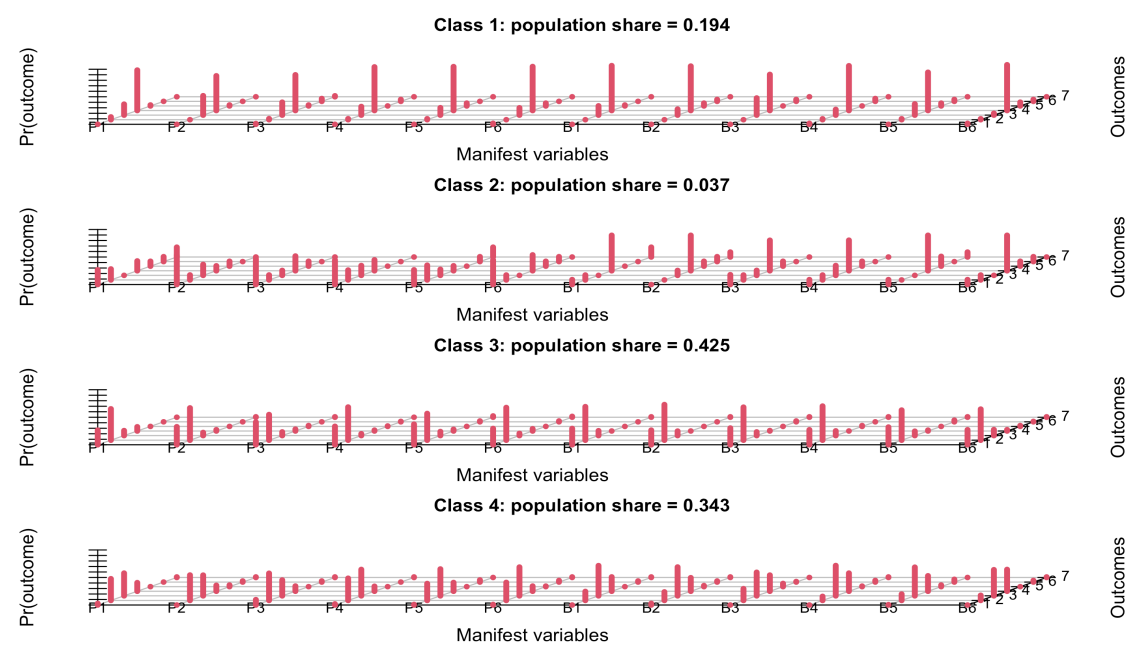


Gráfico 2 - Perceções da Desigualdade de Género na Esfera Pública por classe

A classe 1 (Neutros) agrupa 19% da nossa amostra. Na maioria das respostas, esta classe respondeu 4- “Os dois igualmente”.

A classe 2 (*Outsiders*) representa aproximadamente 0,04%, ou seja, uma parte muito reduzida da amostra. Esta classe respondeu na maioria das questões referentes à Esfera Política 1- “Homens Bastante mais”. Ou seja, trata-se de uma classe que identifica maior poder e estatuto dos homens nesta dimensão. Na Esfera Empresarial, os jovens pertencentes a esta classe não identificam desigualdade de género, correspondendo de uma forma mais intensa 4- “Os dois igualmente”.

A classe 3 (Conscientes) engloba um número mais significativo de respondentes (aproximadamente 43%). As respostas desta classe para todas perguntas localizam-se em 2- “Homens mais” e 1- “Homens muito mais”, sendo esta uma classe que considera existir desigualdade em ambas as Esferas em análise.

Por último, foi possível identificar uma quarta classe (Moderados), que junta em si 34% da nossa amostra. Acerca da Esfera Política, as respostas desta classe localizam-se mais nas respostas 2- “Homens mais” e 3- “Homens um pouco mais”, com prevalência para a resposta 2. Já na Esfera Empresarial, as escolhas

permaneceram na resposta 3- “Homens um pouco mais”, havendo, contudo, valores muito próximos na resposta 4- “Os dois igualmente”.

4.2. Percepções da Desigualdade de Género nas Atividades (tarefas diárias)

Para a análise dos dados relativos às Percepções da desigualdade de género nas Atividades (tarefas diárias) selecionamos um modelo de três clusters uma vez que, por comparação com outros, era o que apresentava o BIC mais baixo (11238.39). Note-se que todos os valores da entropia, considerando as várias classes, têm valores acima dos 0.8, por isso são aceitáveis (Tabela 3).

Número de classes	log-verosimilhança	Graus de liberdade	BIC	aBIC	cAIC	Razão de verosimilhança	Entropia
1	-5756,086	224	11957,59	11710,21	12035,59	8144,893	-
2	-5204,594	145	11305,72	10807,81	11462,72	7041,908	0,937
3	-4945,367	66	11238,39	10489,93	11474,39	6523,455	0,972
4	-4805,072	-13	11408,93	10409,92	11723,93	6242,864	0,968
5	-4688,848	-92	11627,60	10378,05	12021,60	6010,416	0,967
6	-4603,523	-171	11908,08	10407,98	12381,08	5839,766	0,968

Tabela 2 - Resultados das estatísticas de bondade de ajuste e entropia para os modelos de LCA ajustados

À semelhança das percepções na Esfera Pública, para os três clusters encontrados, verificou-se novamente uma associação estatisticamente significativa entre a distribuição por classes e o Género (teste do Qui-quadrado: p-valor <0,001), o “Tipo de Educação” (teste do Qui-quadrado p-valor <0,001), e “Frequência ou não das sessões do projeto CLDS 4IN” (teste do Qui-quadrado p-valor <0,001). Ou seja, existem diferenças estatisticamente significativas entre os clusters no que respeita a estas variáveis demográficas.



Gráfico 3 - Caracterização dos/as participantes por classes

A classe 1 (Cinza) é constituída na sua maioria por rapazes (78,18%), a frequentar o ensino profissional (74,55%) e sem formação em igualdade de género (54,55%). A classe 2 (Azul) é na sua maioria representada por rapazes (60,56%), a frequentar o ensino profissional (59,15%) e sem formação em igualdade de género (56,34%). A classe 3 (Rosa) é na sua maioria do sexo feminino (61,16), frequenta o ensino profissional (57,85%) e esteve presente em formações sobre a temática em estudo (61,98%).

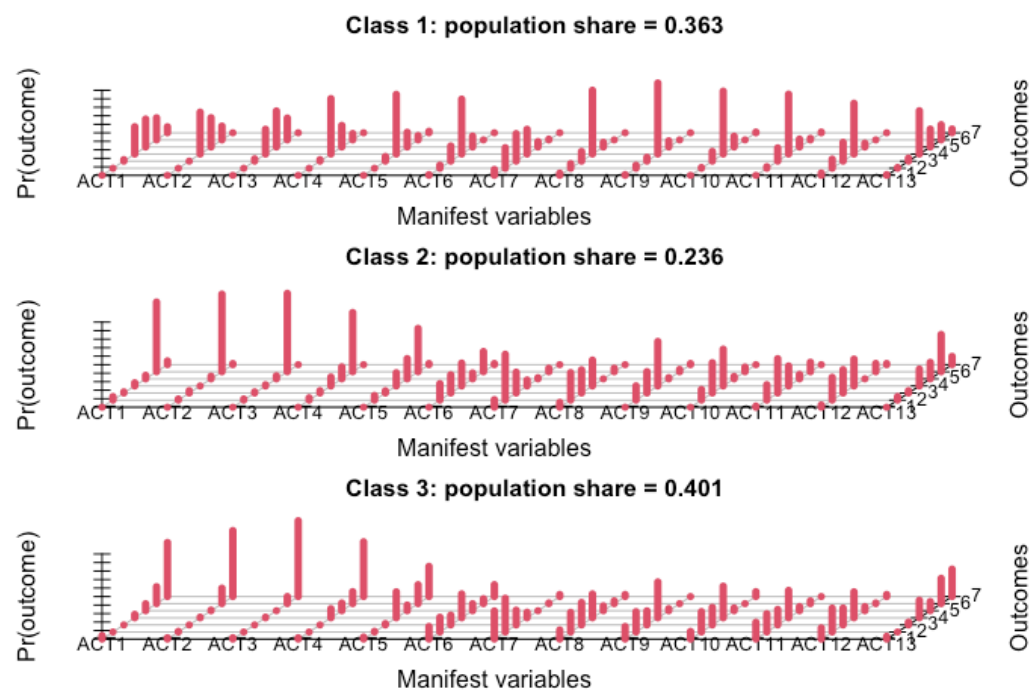


Gráfico 4- Perceções da Desigualdade de Género nas Atividades por classe

A classe 1 (Cinza) agrupa aproximadamente 36% da amostra inquirida. As respostas desta parte da amostra situam-se na sua maioria na resposta 4- “Os dois igualmente”. Já a classe 2 (Azul) agrupa aproximadamente 23% da amostra inquirida, sendo que as respostas variam, na sua maioria, entre 4- “Os dois igualmente” e 6- “Mulheres mais”. A terceira classe (Rosa) corresponde a aproximadamente 40% da população inquirida e concentrou as suas respostas em 7- “Mulheres muito mais” e 4- “Os dois igualmente”. Ou seja, trata-se de um grupo de pessoas que reconhece mais as disparidades na execução de atividade em função do género, do que a classe 2.

5. Discussão

5.1 Perceções da Desigualdade de Género

A análise de classes latentes permitiu compreender que os jovens se dispersam na forma como percecionam a desigualdade de género. Por um lado, encontramos jovens que identificam mais a existência desta, do que outros e, por outro, encontramos jovens que consideram que esta não existe. O agrupamento das respostas dos jovens sobre as perceções possibilitou-nos a identificação de quatro grupos de jovens com diferentes perspetivas na Esfera Pública e três ao nível das Atividades (tarefas diárias). Estas variam de acordo com as suas características sócio-demográficas analisadas (Género, Tipo de Ensino, Formação em Igualdade de Género), que diferem entre os grupos.

Como vimos, a classe Neutros são jovens rapazes, a frequentar o ensino profissional e sem formação em igualdade de género. Este tipo de jovens não percebe as desigualdades de género, considerando, na maioria das respostas, que homens e mulheres têm o mesmo poder e estatuto nas diferentes Esferas em análise. Na mesma linha de pensamento, encontramos a Classe Cinza, também na sua maioria, constituída por homens, a frequentar o ensino profissional e sem formação, que considera não existir desigualdade de género na realização de atividades.

Estes resultados reforçam o papel da formação/conhecimento como ferramenta importante no reconhecimento das desigualdades. De acordo com Morrison et al. (2005), os jovens estudantes são algo relutantes em admitir que existe desigualdade de género, sendo que, mais facilmente conseguem analisar situações em específico, onde se verifica desigualdade, do que dar a sua opinião sobre a desigualdade de uma forma geral.

Com o mesmo padrão de características (mais rapazes, a frequentar o ensino profissional e sem formação) foi encontrada, ao nível da Esfera Pública, a classe Moderados e, ao nível das Atividades (tarefas diárias), a Classe Azul. Ambas são compostas por mais rapazes, a frequentar o ensino profissional, sendo que, a primeira, considera que a desigualdade existe na Esfera Política, mas não tanto na Esfera Empresarial e, a segunda, que considera que existe desigualdade na realização destas atividades, porém de uma forma moderada.

Os Conscientes, agrupam 42 % da nossa amostra, ou seja, uma percentagem significativa das respostas dos inquiridos. Como vimos, estes são mais homens, com formação e uma distribuição simétrica em função do tipo de ensino. Estes consideram que a desigualdade é bastante proeminente nas Esferas em análise. Neste cluster, apesar de termos mais rapazes, a diferença de género é de apenas de 8,94%.

Ao nível das perceções nas Atividades (tarefas diárias), foi também encontrada uma classe muito idêntica à classe Conscientes, quer no que concerne às características sócio-demográficas analisadas, quer relativamente às perceções. Esta corresponde à classe Rosa (40% da nossa amostra) que é composta na maioria por raparigas, do ensino profissional e com formação, que consideram que a desigualdade na execução de Atividades (tarefas diárias) é bastante acentuada. As respostas deste grupo referem que, por um lado, são as mulheres quem mais se ocupa com as tarefas domésticas e tem mais sensibilidade estética e, por outro, que são os homens quem mais faz reparações em casa, pratica desporto, sai mais à noite, tem mais passatempos e tempo livre, bem como detêm mais competências informáticas. Mais uma vez, fica evidente a premissa de que são mais as mulheres quem percebe as desigualdades de género.

Ainda com formação, foi encontrada a classe Outsiders, que apesar da baixa representatividade dos (0,04% da amostra), são na sua maioria raparigas (55,47%), com formação na temática que entendem que a desigualdade de género é maior na Esfera Política.

Estas três últimas classes enfatizam o papel da educação em matéria de igualdade de género, como prática promotora de uma maior consciência das desigualdades entre homens e mulheres, uma vez que, por comparação com as restantes classes identificadas, são estas com formação, quem mais reconhece as disparidades. A consciência da desigualdade de género por parte dos jovens permitirá que estes mais facilmente a questionem de forma criteriosa e, assim, rejeitem as suas consequências negativas, que saberão

identificar (Neff et al., 2007). Os estereótipos sociais de género, percebidos pelos jovens, têm implicações e podem traduzir-se em percursos escolares e profissionais “genderizados”, para além de que, pesquisas recentes, demonstrarem que a maioria dos jovens, baseia as suas convicções de papéis de género e relações interpessoais nestes estereótipos, que têm influência nas suas vidas, nomeadamente, nas interpretações que fazem das suas vivências (Jurlina et al., 2016). Urge, assim, a necessidade de desconstruir estes estereótipos sociais, com os nossos jovens, pelo que o conhecimento poderá ser uma importante “arma” no sentido da redução das assimetrias entre homens e mulheres. A educação tem potencialidades para contribuir para sociedades mais inclusivas e democráticas onde, todos, independentemente das suas características, como o género, têm espaço para ser ouvidos, respeitados e valorizados, no sentido da coesão social e da valorização da diversidade (UNESCO, 2020). Assim sendo, esta tem um papel de importância na transmissão de conhecimento cientificamente validado e no desenvolvimento de espírito crítico dos alunos, que os habilite a interiorizar e compreender a informação, bem como fazer uso desta, tornando-se, assim, capazes de identificar situações de desigualdade social e desconstruir os estereótipos sociais, em particular os de género, nas diferentes situações em que se deparam com os mesmos, permitindo que tomem decisões informadas (CIG, 2017).

Desta análise, verifica-se que são os alunos dos cursos profissionais, que tendem a reconhecer em menor escala as desigualdades de género. De notar que, grande parte dos inquiridos neste estudo, frequentavam uma escola profissional de cariz agrícola onde, tendencialmente, os alunos são deslocados, sendo oriundos de várias zonas rurais do país.

Os estudantes provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos e de zonas mais rurais e remotas encontram-se ainda sub-representados no Ensino Superior. Em particular, os jovens provenientes de meios rurais, detêm uma orientação bastante utilitária e vocacional, circunscrevendo os seus objetivos escolares e profissionais ao prático, alcançável e local (Abbott-Chapman, 2011). Para além disso, o seu estatuto socioeconómico exerce uma importante influência no seu sucesso escolar e nas oportunidades que lhes são concedidas (Allard & Santoro, 2008). Estes alunos detêm uma desvantagem geográfica, uma vez que estão afastados dos espaços urbanos, onde se concentra mais variedade de formação e oportunidades de emprego, bem como uma desvantagem social, originada por processos de estratificação vertical, que discriminam o meio rural, face ao urbano, com base em construções sociais negativas, relativamente a estas comunidades. Estes jovens são mais ligados às suas comunidades, pelo que o contraste entre o seu meio e o urbano, não se torna apetecível. Os valores dos estudantes, aspirações e as suas preferências, bem como os recursos sociais, de identidade e culturais têm um papel decisivo nas suas escolhas escolares e no seu trabalho, conduzindo-os a oportunidades no meio rural ou urbano (Abbott-Chapman, 2011).

O facto de muitos alunos que frequentam os Cursos Profissionais serem originários de meios socioeconómicos mais vulneráveis e rurais, onde sabemos que as tradições relativas aos papéis sociais de género mantêm-se de forma mais acentuada do que nos meios urbanos (Braz & Silva, 2009; Noak, 2010), poderá explicar a identificação em menor escala das desigualdades de género nas diferentes Esferas e Atividades (tarefas diárias).

6. Implicações teóricas e práticas

Os diferentes agrupamentos das respostas da nossa amostra permitiram-nos refletir sobre as implicações destas perceções dos jovens nas suas vidas e sobre a importância de se tomarem atitudes e posições que nos permitam uma sociedade mais livre e justa.

Como primeira implicação, salientar que se considerarmos a nossa amostra, como “espelho” dos tantos outros jovens que compõem a nossa sociedade, ficamos despertos para a dimensão do impacto que estas perceções podem ter nas suas vidas, nomeadamente, nos campos já referidos, como nos seus percursos escolares e profissionais. Como se verificou, a educação sobre igualdade de género permite aos jovens estarem alertos para as desigualdades, dando-lhes ferramentas para analisarem as situações do seu dia-a-dia de forma crítica e livre de estereótipos sociais. Assim, importa reter-se a necessidade de educarmos os nossos jovens para as questões de género. Contudo, é também nos contextos responsáveis pela educação dos jovens, que se perpetuam as desigualdades de género. O género com categoria social é criado e recriado dentro de organizações, como é o caso da escola. Os direitos dos cidadãos e suas responsabilidades estão estreitamente ligados à identidade de género e são influenciados pelas organizações, onde o indivíduo participa, bem como pelas práticas organizacionais destas (Cardona López et al., 2018).

Apesar da escola, ser um espaço regulamentado pela legislação nacional, orientações nacionais e internacionais, programas, entre outros, que referem, de forma geral, os conteúdos a incluir nos currículos, são os professores que têm o papel de colocarem em prática estas intenções. Os professores assumem, desta forma, a responsabilidade pela educação dos jovens para a igualdade de género, esta que está dependente das suas interpretações destes documentos formais (Cardona López et al., 2018).

Acresce que, na escola, como noutras organizações, existem “subestruturas de género”, que consistem em processos de organização, cultura organizacional, interações e identidades de género, que subtilmente agem de forma aparentemente invisível nestes contextos, contribuindo para a produção e reprodução da desigualdade de género e perpetuando as desigualdades na nossa sociedade. A mudança organizacional só será possível através de uma análise atenta das políticas e práticas existentes no seio das organizações, que ajudaram na sua identificação e reformulação (Acker, 2012)

Para além disto, o sucesso da intervenção em matéria de igualdade de género com os alunos, só trará resultados, a par com a formação de professores (Heras-Sevilla et al., 2021), profissionais com um contacto privilegiado com os jovens e responsáveis pela promoção de uma aceitação positiva da identidade pessoal e da orientação sexual de si e dos outros, livre de componentes discriminatórias de género (Heras Sevilla et al., 2017). Para além dos professores, importa também sensibilizar a restante comunidade escolar, como os encarregados de educação e assistentes operacionais, também importantes atores escolares com grande relevância na educação dos jovens. A UNESCO (2019) reforça a importância de ser dada formação específica e de qualidade aos diferentes profissionais da educação, nomeadamente, sobre educação sexual, integração de uma perspetiva de género, igualdade e coeducação.

Para isso, poderão ser organizadas sessões de sensibilização dirigidas a estes diferentes públicos. As escolas poderão sempre propor as formações sobre esta temática, junto dos seus centros de formação ou poderão

também, recorrer a parcerias com entidades que atuam nesta matéria e organizam ações de sensibilização sobre diversas temáticas. Os Contratos Locais de Desenvolvimento Social de 4ª Geração são constituídos por equipas multidisciplinares que atuam em diferentes áreas, de acordo com os seus Eixos de intervenção, e que poderão ser um recurso útil para escolas, que procurem ser mais inclusivas. As formações realizadas com os jovens inquiridos para este estudo sobre igualdade de género, foram desenvolvidas pela equipa do projeto CLDS 4G, com intervenção em Santo Tirso (CLDS 4IN). A par com estas sessões, este projeto desenvolveu no decurso das intervenções com os jovens nesta matéria, ações de sensibilização para a restante comunidade escolar.

Considerando a importância do conhecimento, como elemento decisivo para romper com a tendência para a perpetuação das desigualdades de género e considerando a escola como organização com um lugar privilegiado para a transmissão de conhecimento, que deve estimular nos jovens o desenvolvimento de espírito crítico e transmitir valores democráticos, torna-se pertinente, a introdução de novas estratégias que permitam nutrir os alunos de conhecimento útil sobre género (Izquierdo, 2008).

Através deste estudo, percebemos que uma grande parte dos jovens, não reconhece a existência de desigualdade de género ou reconhece-a de forma moderada (Neutros, Moderados, Cinza e Azul). Estes são, na sua maioria, alunos que não têm formação sobre a temática, salientando-se que são também na sua maioria alunos a frequentar o ensino profissional. Perante os dados recolhidos, torna-se importante incidir nestas questões com os alunos com as características assinaladas. Desta forma, deixamos algumas sugestões de atuação em matéria de igualdade de género, em contexto escolar, que poderão ajudar a introduzir estas questões no seio escolar:

- Solicitar aos alunos, trabalhos de grupo sobre a temática igualdade de género, a serem discutidos e partilhados em contexto de sala de aula;
- Solicitar aos alunos, que organizem campanhas na escola, onde disseminem informação relativa a discriminação de género existente na Esfera Pública, por forma a gerar conhecimento sobre o problema e maior comprometimento na luta contra a discriminação de género no mundo laboral;
- Organizar palestras na escola, onde sejam convidadas mulheres empreendedoras para partilharem o seu percurso profissional com os jovens;
- Tendo em conta o nº reduzido de mulheres a dirigirem empresas ou ocuparem cargos altos nas mesmas, poderiam ser disponibilizados cursos de empreendedorismo para jovens, aproveitando o facto dos cursos profissionais estarem vocacionados para a integração imediata no mercado de trabalho, usufruindo, desta forma, das competências que estão a ser aprendidas em contexto de sala de aula e desenvolvendo uma ideia de negócio;
- Introduzir uma perspetiva de género nas matérias que são lecionadas. Por exemplo, tanto nos cursos profissionais como nos gerais existem disciplinas como o português, onde são abordadas obras literárias carregadas de estereótipos sociais de género. Os professores podem aproveitar estas histórias para refletir com os jovens sobre a temática da igualdade de género;

O nosso estudo evidenciou ainda um grupo de jovens que percebe as desigualdades de género de forma acentuada nas diferentes Esferas (Conscientes) e nas Atividades (Rosa) constituído, nas perceções da Esfera Pública, mais por homens e, nas Atividades, mais por mulheres. Todos eles na maioria a frequentar o ensino profissional e com formação em igualdade de género. Uma vez que estes jovens já dispõem de conhecimento sobre as disparidades entre géneros, a intervenção com estes deverá apostar numa orientação profissional livre de estereótipos sociais, que combata a segregação de género em certas profissões, nomeadamente, nas áreas das ciências, engenharias e tecnologias, para isso:

- Poderão ser criadas estruturas consolidadas e personalizadas dentro das escolas, onde seja realizada orientação profissional dos jovens. Uma vez que, nem sempre existem verbas nas escolas que permitam a contratação de mais psicólogos, que por norma, se encarregam desta função, poderá ser criada uma rede de mentores, constituída por figuras locais com profissões variadas e que possam apresentar um pouco de cada profissão a cada estudante, acompanhando-os nos seus percursos enquanto estudantes, nomeadamente, servindo como apoio na orientação para as suas escolhas profissionais. A estes mentores deve ser antes dada formação sobre estereótipos de género e sobre o seu papel como mentores, na desconstrução destes junto dos jovens.

- Organização de visitas escolares a empresas e universidades a trabalhar nas áreas das ciências, engenharias e tecnologias;

- Promover mostras educativas e/ou do setor empresarial nas escolas, onde universidades, entidades que prestem serviços de formação e empresas de diferentes áreas, estejam nas escolas um dia por ano a apresentar aos alunos um pouco da sua oferta educativa e/ou das suas empresas;

- Promover um dia no calendário escolar em que alunos tenham a oportunidade de estar numa empresa e acompanhar um profissional nas suas tarefas diárias, nomeadamente, nas áreas das ciências, engenharias e tecnologias.

7. Conclusões

O estudo que aqui apresentamos permitiu-nos, através da análise da literatura e do desenvolvimento de um estudo quantitativo, que utilizou a análise de classes latentes como metodologia, concluir que, os jovens divergem nas suas perceções sobre a desigualdade de género. Em suma, foi possível identificar jovens que percecionam mais desigualdade de género (Conscientes, Outsiders e Rosa); jovens que a percecionam de forma moderada (Azul e Moderados) e outros que não a percecionam (Neutros e Cinza).

Compreendeu-se, ainda, que cada grupo de jovens encontrado caracteriza-se por dispôr de características sociodemográficas semelhantes, que podem estar a influenciar as suas perceções. Quanto a estas características, de salientar que, por um lado, são as mulheres com formação, quem mais reconhece as desigualdades de género. Por outro, são os rapazes do ensino profissional e sem formação, quem as identifica de forma moderada. São, também estes últimos, quem mais considera que os homens e as mulheres detêm o mesmo poder e estatuto na Esfera Privada e desempenham de forma igual as Atividades (tarefas diárias).

O nosso estudo contribui para reforçar a importância da educação, na consciencialização dos jovens para as desigualdades que, como vimos, poderá contribuir para promoção de oportunidades mais justas e iguais. Assim, a escola como lugar de aprendizagem e socialização, caracteriza-se pelo seu potencial transformador, apresentando-se como um local excelente para o exercício de valores democráticos e igualitários, que permitem o desenvolvimento da cidadania e do espírito crítico.

A aposta na promoção da igualdade de género detém vantagens significativas, tanto a nível social, como já fomos referindo, mas também a nível económico. A redução das assimetrias entre géneros, permitirá a criação de mais 10,5 milhões de postos de trabalho, 7,6 milhões destes ocupados por mulheres. Desta forma, seriam notadas melhorias na redução da pobreza, que sabemos afetar mais as mulheres, do que os homens. Para além de que, com mais mulheres no mercado de trabalho e a formarem-se em áreas com as Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas (CTEM), pressupõem-se que, mais facilmente, consigam emprego e que este contribua para a redução do fosso salarial existente entre homens e mulheres, uma vez que estamos a falar de uma área mais produtiva e mais bem remunerada. Fruto do aumento da taxa de emprego das mulheres e das suas carreiras em áreas como as CTEM, compreendemos que o PIB da União Europeia beneficiará de aumentos significativos. Estes ganhos serão refletidos, assim, em cada estado-membro. Por sua vez, a promoção da igualdade permitirá, também, um aumento da competitividade dos países, que com mais força produtiva, conseguirão produzir mais, reduzir os preços e investir nas exportações para o mercado internacional. Estima-se, ainda, que o reforço da igualdade de género na educação, no mercado de trabalho e na conciliação entre o trabalho remunerado e não remunerado, possibilitará o aumento da fecundidade e conseqüente aumento da população ativa, o que permitirá contrariar a tendência para o envelhecimento dos países europeus (EIGE, 2017)

Referências Bibliográficas

- Abbott-Chapman, J. (2011). Making the most of the mosaic: Facilitating post-school transitions to higher education of disadvantaged students. *Australian Educational Researcher*, 38(1), 57–71.
<https://doi.org/10.1007/s13384-010-0001-9>
- Acker, J. (2012). Gendered organizations and intersectionality: problems and possibilities". *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 31(3), 214–224.
- Arslangiray, N. (2013). Üniversite öğrencilerinde beden imajinin yordayıcıları olarak bağlanma stilleri ve toplumsal cinsiyet rolleri? Attachment styles and gender roles as predictors of body image in university students?. ?Yayımlanmamış yüksek lisans tezi?. Hacettepe Üniversitesi.
- Allard, A. C., & Santoro, N. (2008). Experienced teachers' perspectives on cultural and social class diversity: Which differences matter? *Equity and Excellence in Education*, 41(2), 200–214.
<https://doi.org/10.1080/10665680801957253>
- Alvarez, T., C.Vieira, C., & Ostrouch-Kaminska, J. (2017). Gênero, educação e cidadania: que «agenda» para a investigação científica e para o ensino e a formação? *Centro de Estudos Das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI)/Universidade Aberta*, 36, 9–22.
- Baron, J. N., Hannan, M. T., Hsu, G., & Koçak, Ö. (2007). In the company of women: Gender inequality and the logic of bureaucracy in start-up firms. *Work and Occupations*, 34(1), 35–66.
<https://doi.org/10.1177/0730888406296945>
- Berger, P., & Luckmann, T. (2004). A construção social da realidade. *Revista Do Direito Público*, 12(2), 316. <https://doi.org/10.5433/1980-511x.2017v12n2p316>
- Blaise, M., & Taylor, A. (2012). Using queer theory to rethink gender equity in early childhood education. *YC Young Children*, 67(1), 88–98.
- Braz, C., & Silva, D. E. C. E. (2009). *Pluriatividade E Relações De Gênero Na*.
- Cardona López, J. A., Nordfjell, O. B., Gaini, F., & Heikkinen, M. (2018). Promising Nordic practices in gender equality promotion: Developing teacher education dialogue, practice, and policy cycles online. *Policy Futures in Education*, 16(5), 605–619. <https://doi.org/10.1177/1478210317722286>
- Carvalho, R. G. G. (2012). Pessoas versus coisas: Sobre as diferenças de gênero nos interesses profissionais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 173–182.
- Chaves, M. W. (2015). As Relações entre a Escola e o Aluno: uma história em transformação. *Educação & Realidade*, 40(4), 1149–1167. <https://doi.org/10.1590/2175-623645958>
- Chofla, S.-A. F., & Raffanti, M. A. (2016). Preschool Educators' Roles in Creating Supportive Spaces for Gender Exploration and Expression. *ProQuest Dissertations and Theses*, 160.
http://libproxy.uoregon.edu/login?url=https://www.proquest.com/dissertations-theses/preschool-educators-roles-creating-supportive/docview/1776469853/se-2?accountid=14698%0Ahttps://media.proquest.com/media/hms/ORIG/2/RUm0H?_a=ChgyMDIy

- CIG. (2017). *Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*.
- Dayrell, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, 28(100), 1105–1128. <https://doi.org/10.1590/s0101-73302007000300022>
- DGEEC. (2022). *Educação em números- Portugal 2022*.
- EIGE. (2017). *Economic Benefits of Gender Equality in the European Union: Overall economic impacts of gender equality*.
- Fernandes, P. S. M., Guerra, I. M. P. de C., & Duarte, M. I. C. D. (2009). *Cursos profissionais: sinais de mudança na homogeneidade?* <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.10071.11880>
- Forster, M. R. (2000). Key concepts in model selection: Performance and generalizability. *Journal of Mathematical Psychology*, 44(1), 205–231. <https://doi.org/10.1006/jmps.1999.1284>
- Guichard, J. (1993). *L'Ecole et les représentations d'avenir des adolescents*. PUF.
- Henriques, H., & Marchão, A. (2016). Educação para a igualdade de género: leituras a partir da realidade de cinco jardins de infância do distrito de Portalegre. *Foro de Educación*, 14 (20), 339–360.
- Heras-Sevilla, D., Ortega-Sánchez, D., & Rubia-Avi, M. (2021). Coeducation and citizenship: A study on initial teacher training in sexual equality and diversity. *Sustainability (Switzerland)*, 13(9), 1–16. <https://doi.org/10.3390/su13095233>
- Heras Sevilla, D., Fernández-Hawrylak, M., & Cepa Serrano, A. (2017). La educación sexual en el siglo XXI: un enfoque integral. In *Innovando en educación* (pp. 171–180). ASIRE.
- Iniesta-Bonillo, M. A., Sánchez-Fernández, R., & Schlesinger, W. (2013). Investigating factors that influence on ICT usage in higher education: A descriptive analysis. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 10(2), 163–174. <https://doi.org/10.1007/s12208-013-0095-7>
- Izquierdo, M. J. (2008). *Cuidado y provisión: el sesgo de género en las prácticas universitarias y su impacto en la función socializadora de la universidad*. Madrid: Ministerio de Igualdad. Instituto de la Mujer. <http://www.inmujer.gob.es/publicacioneselectronicas/documentacion/Documentos/DE0051.pdf>
- Jurlina, Ž., Petani, R., & Karamatić Brčić, M. (2016). Students' Attitudes Towards Teen Dating Violence – Importance of Education for Gender Equality. *INTED2016 Proceedings*, 1(December), 6738–6747. <https://doi.org/10.21125/inted.2016.0591>
- Lanza, S. T., Collins, L. M., Lemmon, D. R., & Schafer, J. L. (2007). PROC LCA: A SAS Procedure for Latent Class Analysis. *Structural Equation Modeling*, 14(4), 671–694.
- Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2001). *Os interesses revisitados* (pp. 79–104).

- Linzer, D. A., & Lewis, J. B. (2011). poLCA: An R Package for Polytomous Variable Latent Class Analysis. *Journal of Statistical Software*, 42(10), 1–29. <https://doi.org/10.4018/978-1-4666-2931-8.ch001>
- Lucas-Palacios, L., García-Luque, A., & Delgado-Algarra, E. J. (2022). Gender Equity in Initial Teacher Training: Descriptive and Factorial Study of Students’ Conceptions in a Spanish Educational Context. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(14). <https://doi.org/10.3390/ijerph19148369>
- Moreira, B. (2015). Educação, família e trabalho: a igualdade de género numa perspectiva de (re). *Revista de Estudos e Investigação En Psicologia y Educación*, 01, 058–062. <https://doi.org/10.17979/reipe.2015.0.0>
- Morrison, Z., Bourke, M., & Kelley, C. (2005). “Stop making it such a big issue”: Perceptions and experiences of gender inequality by undergraduates at a British University. *Women’s Studies International Forum*, 28(2-3 SPEC. ISS.), 150–162. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2005.04.020>
- Neff, K. D., Cooper, C. E., & Woodruff, A. L. (2007). Children’s and adolescents’ developing perceptions of gender inequality. *Social Development*, 16(4), 682–699. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00411.x>
- Noack, E. (2011). Are Rural Women Mobility Deprived? - A Case Study from Scotland. *Sociologia Ruralis*, 51(1), 79–97. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2010.00527.x>
- OCDE. (2021). *Education at a Glance 2021*. 1–12.
- Page, A. D., & Peacock, J. R. (2013). Negotiating Identities in a Heteronormative Context. *Journal of Homosexuality*, 60(4), 639–654. <https://doi.org/10.1080/00918369.2012.724632>
- Papalia, D. E., Wendkos, O., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano* (artmed (ed.); 8ª).
- Payne, E., & Smith, M. (2014). The Big Freak Out: Educator Fear in Response to the Presence of Transgender Elementary School Students. *Journal of Homosexuality*, 61(3), 399–418. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.842430>
- Peneiras, M. E. M. (2003). *Modalidades de transição para a vida activa dos jovens diplomados do ensino profissionalizante*. ISCTE.
- Saavedra, L. (2005a). *Aprender a ser Rapariga, Aprender a ser Rapaz - Teorias e Práticas da Escola*. Almedina.
- Saavedra, L. (2005b). Escola, género e democracia : caminhos da igualdade e da diferença. *V Encontro Da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres: Mulheres, Participação e Democracia*, 1–12.
- Saavedra, L. (2009). Assimetrias de Género nas Escolhas Vocacionais. *Guião de Educação, Género e Cidadania*, 121–130.

- Silva, P., & Saavedra, L. (2009). *Género e currículo*. 61–78.
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.1822.19996>
- UNESCO. (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade*.
<https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>
- Terrail, J. P. (1992). Destins scolaires de sexe: une perspective historique et quelques arguments. *Population (Paris)*, 47(3), 645–676. <https://doi.org/10.2307/1533737>
- UNESCO. (2020). *RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DA EDUCAÇÃO – RESUMO- Inclusão e educação: Todos, sem exceção*.
- United Nations. (2017). Progress towards the Sustainable Development Goals. *United Nations - Economic and Social Council*, 296(1–3), 744–748. [https://doi.org/10.1016/0168-9002\(90\)91300-Z](https://doi.org/10.1016/0168-9002(90)91300-Z)
- WEF. (2021). 2021 The global gender gap report. In *World Economic Forum (Issue March)*.
[https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2021%0Afile:///Users/natalienunes/Documents/Ashridge HULT Business School/Articles HULT/WEF_GGGR_2021.pdf](https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2021%0Afile:///Users/natalienunes/Documents/Ashridge%20HULT%20Business%20School/Articles/HULT/WEF_GGGR_2021.pdf)
- Weller, B. E., Bowen, N. K., & Faubert, S. J. (2020). Latent Class Analysis: A Guide to Best Practice. *Journal of Black Psychology*, 46(4), 287–311. <https://doi.org/10.1177/0095798420930932>
- World Economic Forum. (2022). Global Gender Gap Report 2011: Insight Report. In *World Economic Forum*.
- Yaish, M., & Stier, H. (2009). Gender inequality in job authority: A cross-national comparison of 26 countries. *Work and Occupations*, 36(4), 343–366. <https://doi.org/10.1177/0730888409349751>

Parte III

Conclusões Finais

Esta dissertação composta por dois estudos, tinha como objetivo entender as percepções dos jovens sobre o tema e contribuir para melhores práticas assentes na promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre géneros, principalmente, em contexto de escolar. Desta forma, na Introdução foram definidos os seguintes objetivos de investigação: (1) identificar e explorar o conceito de desigualdade de género, por forma a melhor entender as assimetrias ainda prevalentes na nossa sociedade; (2) clarificar o conceito de Perceção; (3) compreender as percepções da desigualdade de género nas diferentes Esferas, que fazem parte da nossa sociedade, nomeadamente, na Esfera Pública, onde incluímos a Esfera Política e Empresarial e na Esfera Privada (lar); (4) compreender as percepções da desigualdade de género dos jovens ao nível das Atividades (tarefas diárias) e (3) compreender a importância do conhecimento, como motor para a mudança social relativamente às questões de género.

Para responder a estes objetivos, na parte II deste trabalho foram realizados dois estudos:

- Artigo 1- Palavras e ações coexistem? Percepções dos adolescentes sobre a desigualdade de género;
- Artigo 2: Educação e Adolescentes- Percepções da Desigualdade de Género.

Os dois estudos conduzidos, de uma forma geral, permitiram-nos compreender de uma forma mais evidente que os jovens têm percepções sobre a desigualdade de género consolidadas, estas que variam de acordo com as Esferas em análise, Esfera Pública e Privada (lar) e no que concerne à execução de Atividades (tarefas diárias).

No primeiro estudo realizado deteve-se algumas considerações importantes, acerca das percepções da desigualdade de género dos jovens, resultantes da revisão da literatura e do estudo quantitativo que efetuamos sobre o tema, nomeadamente: que os jovens têm percepções bastante vincadas sobre a desigualdade de género, principalmente as raparigas; a percepção de desigualdade era mais evidente na Esfera Política, seguida da Esfera Empresarial e, em menor medida, na Esfera Privada (doméstica); ao nível das Atividades (tarefas diárias), de forma geral, os jovens concordam que não há igualdade na execução destas, embora se tenha verificado uma tendência para referirem ser a mulher, quem mais se ocupa com as tarefas domésticas; os jovens a frequentar o ensino regular são os que tendem a apontar mais estas assimetrias e quanto maior o conhecimento da problemática, maior o reconhecimento da desigualdade por parte dos jovens.

O segundo estudo incidiu apenas sobre a análise das percepções da desigualdade de género na Esfera Pública e ao nível das Atividades (tarefas diárias). Utilizando a metodologia da análise de classes latentes, foi possível agrupar os jovens pelas suas percepções e características sociodemográficas analisadas, nomeadamente, género, tipo de ensino (regular ou profissional) e formação em igualdade de género. Assim, compreendeu-se que os jovens se organizam em quatro grupos diferentes (Conscientes, Moderados, Neutros e Outsiders) no que concerne às percepções da desigualdade de género na Esfera Pública e em três grupos (Azul, Rosa e Cinza) no que diz respeito às percepções ao nível das Atividades (tarefas diárias). De

notar, ainda, que são os rapazes a frequentar o ensino profissional e sem formação, que menos reconhecem as desigualdades. Por outro lado, são as mulheres que, independentemente do tipo de ensino, quem mais as apontam.

Limitações e Investigações futuras

Neste tópico temos como principal objetivo refletir sobre as principais dificuldades com que nos deparamos, bem como apontar pistas de melhoria para investigações futuras.

A primeira limitação a referir remete-nos para a falta de conteúdo empírico sobre o tema em análise. Apesar de existirem bastantes estudos sobre a desigualdade de género associados aos jovens, poucos abordaram a questão das perceções, o que dificultou a recolha de material empírico para a fundamentação dos nossos estudos.

Uma outra limitação a salientar é a pouca informação que foi recolhida acerca de características sociodemográficas dos jovens, nomeadamente, rendimentos do agregado familiar e naturalidade. A recolha destes dados poder-nos-ia ter auxiliado numa discussão mais aprofundada sobre a correlação destas características e as perceções dos jovens. Como pista para investigações futuras sugere-se a recolha de mais indicadores deste tipo.

A amostra que serve de base a este estudo não contempla uma diversidade significativa de idades que nos permita fazer comparações, como se as perceções variam com a idade. A resposta a esta questão contribuiria de forma positiva para fundamentar a premissa de que os jovens com mais idade e, por isso, com mais conhecimento do mundo e das disparidades entre género, mais facilmente as reconhecem. Em próximos estudos propõem-se a recolha de respostas de jovens com intervalos de idade maiores.

Uma vez que os prazos para a conclusão deste estudo são limitados e que grande parte das sessões sobre igualdade de género realizadas pelo Projeto CLDS 4IN, já tinham decorrido, antes da intenção de realização deste estudo empírico, não foi possível aplicar este inquérito, antes da realização das sessões e após. Se realizada neste formato, poderíamos compreender de forma mais aprofundada o real impacto e as principais mudanças conseguidas com estas formações desenvolvidas por esta equipa, pelo que, sugere-se para estudos futuros, a realização nestes moldes, agora propostos.

Ainda sobre a importância da educação em matéria de igualdade de género sugere-se a aplicação deste estudo aos professores, educadores e outros profissionais da área educativa que, como vimos, têm um papel de grande importância na desconstrução dos estereótipos sociais de género.

Atendendo às desigualdades, ainda proeminentes da nossa sociedade, e apesar dos esforços para as colmatar, verificamos, com este estudo, que existe ainda muito por fazer e que a educação pode contribuir de forma positiva para estas mudanças. Este estudo ajudou-nos a compreender as perceções dos jovens sobre o tema e a mapeá-los de acordo com as mesmas, o que faz deste um instrumento orientador para intervenções mais eficazes, bem como aponta os jovens que devem ser priorizados nas mesmas, de acordo

com as características que analisamos. De uma forma geral, este estudo contribui para reforço do processo de reflexão sobre esta temática e indica-nos caminhos para melhores práticas na área da educação e a continuação do estudo das perceções sobre esta problemática.